



O Espírito da Intimidade

Ensinaamentos ancestrais africanos
sobre maneiras de se relacionar

Sobonfu Somé



Índice

Prefácio

por Julia e Francis Weller 7

- 1 Dano: lar da tradição 15
- 2 Uma canção do espírito 25
- 3 O abraço da comunidade 35
- 4 Ritual: o chamado do espírito 53
- 5 Nascimento com propósito 68
- 6 Iniciação: aprendizado 73
- 7 Casamento: dois mundos unidos 79
- 8 Intimidade: dentro do círculo de cinzas . 95
- 9 A ilusão do romance 106
- 10 Renovação contínua 112
- 11 Conflito: dádiva do espírito 119
- 12 Divórcio e perda: cortando a videira 129
- 13 Homossexualidade: guardiães do portão 139
- 14 Barka 145

Prefácio

É uma honra e prazer oferecer este prefácio a *O Espírito da Intimidade*. O que Sobonfu Somé tem a dizer reflete a sabedoria de muitas gerações do povo Dagara, da África Ocidental. Uma conversa lírica, o livro nos convida, como fazem as boas conversas, a caminhar juntos, a mergulhar profundamente e fazer o círculo de volta. Extraído de suas entrevistas e oficinas, no curso de vários anos, permite-nos participar da arte de contar histórias, tomando um caminho circular. O livro reflete a tradição oral de Sobonfu. Ele nos permite um vislumbre, um momento precioso de entrada no contexto tribal, que não é nada sem o espírito – que não pode ser nada sem o espírito.

Este livro não tem uma teoria a provar, nada a vender, ninguém para impressionar. Sobonfu não tenta consertar o que está quebrado em nossos relacionamentos e casamentos e fica longe de nossa obsessão unidimensional de mudança comportamental. Somos convidados a um cosmo vivo e vibrante, onde as relações entre homens e mulheres servem ao espírito, à comunidade e aos ancestrais. Sobonfu nos permite lembrar que todas as questões do coração são iniciadas pelo espírito e é para esta fonte que nossa atenção precisa se voltar, ao considerarmos a saúde e bem-estar de nossos relacionamentos.

Sobonfu detém, em seu corpo, em sua consciência e

em suas ações, aquilo que muitos de nós, no Ocidente, queremos, mas não sabemos denominar. Criada em uma aldeia tradicional Dagara, a autora foi ensinada pelos anciãos, participou do ritual de iniciação tribal das mulheres e passou pelos anos de orientação que se seguem a essa iniciação; é uma mulher que conhece as profundidades do sofrimento e as alturas da alegria. Sua conexão íntima com a vida é tão completa, tão abundantemente rica, que ler suas palavras é testemunhar verdades profundas, é acordar partes de nós que há muito foram anestesiadas.

Sua visão de mundo é, de muitas formas, vastamente diferente daquela que nos é familiar no Ocidente. Noções de intimidade e sexualidade são, com frequência, completamente inversas ao que admitimos como verdade. Nossa crença na primazia do indivíduo, por exemplo, gera relacionamentos “privatizados”, de nossa propriedade, cortados da comunidade e do espírito. Na visão de mundo tribal do povo de Sobonfu, a idéia da existência de um relacionamento fora do contexto da aldeia e do sagrado é absurda e extremamente perigosa.

Gradualmente, nos últimos anos, aprendemos com Sobonfu que o casamento – a rigor, qualquer relacionamento – é uma dádiva do espírito; requer nossa gratidão e que estejamos abertos a ouvir a razão pela qual fomos unidos. Aprendemos que, no Ocidente, assim como na cultura de Sobonfu, o *propósito de vida* é central à existência, e os relacionamentos são avenidas para sua expressão. A intimidade não é formulada para a conquista

da felicidade pessoal, mas sim para o cumprimento do propósito da pessoa, para o enriquecimento da aldeia e para a expressão do espírito. É um meio de oferecermos os dons que carregamos.

Essas idéias são quase heresias para nós, com nossa noção de direitos, “da busca pela felicidade”. No entanto, no que toca a assuntos de relacionamento, de fato há uma visão mais ampla do que imaginamos. Culturalmente, estamos em nossa adolescência, em relação à intimidade. Nestas páginas, são oferecidas janelas para uma cultura antiga, cuja sabedoria pode nos ajudar a dar o próximo passo.

Uma dificuldade que os ocidentais poderão encontrar, ao ler os pensamentos e idéias de Sobonfu, é que nem sempre são lineares ou construídas conceitualmente na direção da conclusão. O livro é, mais exatamente, uma conversa, refletindo a intimidade da autora com sua terra, seu povo e seus ancestrais. Nosso vício em informações não será alimentado aqui. Embora o conteúdo seja novo e provocante, não pode ser absorvido como dados a serem inseridos em estatísticas e estratégias. Existe uma palavra em Dagara que é traduzida como “a coisa que o conhecimento não pode comer”. Grande parte do que Sobonfu compartilha nestas páginas é difícil para nossa mente lógica captar e, por isso, não se torna mais um bem de consumo. As ofensas devem ser absorvidas por outra faculdade – o coração, a alma, a intuição, ou como você quiser chamar – e respeitadas, nutridas, incorporadas.

O mundo tribal, do qual Sobonfu fala com autoridade, oferece-nos uma perspectiva sobre relacionamentos que ajuda a restaurar seu contexto sagrado. A autora nos convida a uma atitude adulta nos relacionamentos – com nosso parceiro, com nossa comunidade e com o espírito. Ela nos oferece uma visão madura e nos desafia a sermos mais nós mesmos. Que suas palavras saiem e, ao mesmo tempo, agucem sua sede. Beba.

Julia e Francis Weller

Sebastopol, Califórnia

Amigos e terapeutas

Agradecimentos

*E*ste livro nunca teria sido possível sem a dedicação e contribuição inestimável de seres e pessoas à minha volta.

Gostaria de agradecer a todos os meus ancestrais e espíritos aliados, por me guiarem e me manterem no caminho. Meu respeito e agradecimento vão para o espírito desta terra, por me receber e me sustentar. Minha gratidão vai para meus anciãos e meu marido, por seu apoio incondicional e colaboração. De meu coração, agradeço Bernadette Smyth, por sua devoção em transcrever os ensinamentos. A todos que me ajudaram no caminho – vocês sabem quem são, meus agradecimentos especiais.

Não tenho essa discussão sobre relacionamentos toda organizada, sistematizada, etc. Várias imagens vêm e vão, como estrelas, pequenas estrelas. Você terá de unir essas imagens, para poder fazer algum sentido delas. O que é importante, porém, é ver nossa compreensão da intimidade primordialmente como uma prática determinada pelo espírito ou autorizada pelo espírito e executada por alguém que reconhece que não pode, por si própria, fazer acontecer aquilo a que foi convidada.

Dano: lar da tradição



O povo Dagara é encontrado principalmente nos países de Gana, Costa do Marfim e Togo, na costa oeste africana. No interior desses países, em sua fronteira norte, está Burkina Fasso, que antes se chamava Volta Superior. Em 1984, o governo de Volta Superior decidiu que seu nome colonial era muito complicado e escolheu um novo, que significa “a terra dos ancestrais orgulhosos”.

Em 1882, quando o conselho europeu, na Bélgica, tentou dividir esse grande continente africano, acabou separando o povo Dagara em três nações diferentes. Algumas centenas de milhares de dagaras estão em Burkina Fasso; outras centenas de milhares, em Gana; e um número menor, na Costa do Marfim. Essa separação ocorreu como resultado da natureza arbitrária dos poderes coloniais, que não aceitavam as comunidades tribais como nações.

Socialmente ou em comunidade, não somos tão diferentes das comunidades tribais de outros lugares. Talvez o que deva ser mencionado é que não temos as amenidades que as pessoas aqui no Ocidente têm, como eletricidade e água corrente. Não moramos em casas em que não entram baratas. Estamos muito próximos da terra e da natureza, e essa é a dádiva que recebemos do lugar.

Na aldeia, a vida é diretamente inspirada pela terra, pelas árvores, montanhas e rios. Assim, o relacionamento entre o homem e a natureza é traduzido na construção da comunidade e das relações entre as pessoas.



Quando se pergunta aos dagaras de Burkina Fasso de onde eles vêm, geralmente respondem que vieram da aldeia de Dano. Isso porque, apesar de haver muitas aldeias na tribo, Dano é a maior. Não se parece nem um pouco, porém, com uma cidade de padrões modernos. É apenas uma aldeia, cercada de outras aldeias. É difícil saber quantas pessoas moram lá, já que, na África, não contamos as pessoas.

Os habitantes das diferentes aldeias se conhecem, tendo familiares e amigos em muitas dessas outras pequenas comunidades. Isso acontece por meio do casamento, da migração e por relações de vizinhança.

As ruas de Dano não têm nome. Há um portão principal, que dá para a estrada que liga à principal rodovia e a Uagadugu, capital do país. A distância até Uagadugu deve ser de uns trezentos quilômetros. Se você estiver de carro, poderá fazer a viagem em três horas e meia. A estrada que sai da rodovia principal não é pavimentada e tem muitos buracos, animais e pessoas atravessando. O que quer dizer que a viagem pode ser demorada.

Os ônibus que servem essa rota param a cada quinze quilômetros, mais ou menos, para o motorista falar com alguém ou deixar alguém saltar. Ocorre que ninguém parece ter pressa. A viagem de ônibus pode levar de seis horas até o dia inteiro para chegar à capital. Isto é, se não houver algum problema mecânico.



A vegetação é chamada de savana. São morros cobertos de capim, com poucas árvores mais altas que dez metros. A árvore mais alta é o baobá, que cresce muito, até 55 metros. Em alguns lugares ainda temos densas matas de árvores como a shea, que é conhecida por seu poder de cura. A shea dá um fruto verde, delicioso; comemos a fruta e usamos a semente para fazer manteiga. A manteiga é usada pelos dagaras para cozinhar e para fins medicinais e cosméticos.

Se você já morou, como eu, em lugares como Michigan ou até mesmo no norte da Califórnia, o clima em Dano não parece tão frio. Mas, quando morava lá, eu achava muito frio. Depois de ter morado em um local onde a temperatura pode cair abaixo de zero, 20 graus parece bem quente.



Apesar de Burkina Fasso ter três rios relativamente grandes, na área de Dano há apenas córregos sazonais e lagos. Essas são as nossas fontes de água potável. Durante a seca, cavamos poços. A estação seca começa em novembro e vai até meados de junho ou julho. Então, precisamos contar com os poços para ter água potável.

Nas estações mais secas, encontramos todo mundo da aldeia reunido em torno de um poço de água, esperando o poço encher, algumas vezes a noite toda. A razão é porque, nessas épocas do ano, a água só vem em certas horas. Bem cedo pela manhã, por exemplo, o nível da água está alto. Ao meio-dia, a água está em seu nível mais baixo. Temos de ir à noite para estar lá quando a água voltar. Famílias com crianças são servidas primeiro, bem como as mulheres grávidas e idosos. Depois disso, os demais se servem. Então, mesmo que se tenha esperado a noite inteira, se uma família com criança chegar, será servida primeiro.



Nossa economia pode ser chamada de agrária ou de subsistência; produzimos o alimento que precisamos para viver. Não exportamos, apesar de, recentemente, o governo ter tentado nos estimular a isso. Para nós, esse é um conceito estranho, que ainda temos de aprender, porque plantamos a quantidade exata que precisamos e nada mais.

Nossa principal forma de negociação é a de troca, embora também usemos conchas cauri como moeda, que, além disso, servem para adivinhação e cura. Essas pequenas conchas brancas foram trazidas de Gana pelo povo Dagara, há muito tempo, quando a tribo morava mais perto do mar. As conchas cauri são usadas como ouro.

Os países de língua francesa na África Ocidental – como Burkina Fasso, Costa do Marfim, Senegal, etc. – também usam um tipo de dinheiro chamado CFA. Para ganhar esse dinheiro, é necessário vender coisas. Se a pessoa não tiver nada para vender, então tem de viver sem o CFA, e usar o antigo método de troca. Os dois sistemas de negociação existem lado a lado.

Plantamos muitas coisas. Por exemplo, existem três tipos diferentes de painço. Um deles é chamado de sorgo, no Ocidente. Temos sorgo vermelho e branco, e um outro tipo que é chamado ziè, em Dagara. Temos feijões vermelhos, feijão-fradinho, amendoim e grandes carás africanos – não os que encontramos na América do Norte, mas carás de até um metro, que pesam de 10 a 15 quilos. E temos dois tipos diferentes de batata-doce.

Também criamos animais – galinha, porco, galinha-d'angola, cabrito e cordeiro. Criamos os animais não só para comer, mas para trocar. Por exemplo, se eu tiver uma cabra e precisar de sorgo, posso trocar o animal por uma boa quantidade do grão.



Caçamos animais selvagens. Atualmente, porém, a caça é feita sobretudo em rituais, como iniciações. Não é mais como antes, quando toda a tribo tirava um ou dois meses para caçar e voltava para casa com carne para sobreviver durante um ano.

Essa mudança vem se verificando nos últimos dez anos, mais ou menos, por causa de restrições políticas. O motivo principal é que o governo está tentando tomar a terra. Até 1980, a terra sempre havia sido do povo. Todavia, as pessoas não a consideravam sua. Elas viam a terra como se esta fosse espírito, como algo emprestado. Agora que o governo está regulamentando a terra, as pessoas têm de pagar impostos sobre ela.

Durante os tempos coloniais, muitas coisas mudaram na vida dos dagaras. No entanto, questões como estrutura familiar e liderança continuam quase iguais. Os jovens que saem para cursar escolas nas cidades ficam completamente transformados; eles vêem as coisas de forma totalmente diferente. A maior parte das aldeias que conheço, no entanto, ainda tem os mesmos costumes, com uma forma de liderança quase medieval.

Não há um chefe responsável por tudo, que dá ordens para todos seguirem. Ainda temos um sistema no qual os mais velhos supervisionam a aldeia, sem a intenção de adquirir riqueza ou poder. Entenda que, na aldeia, o poder é visto como algo muito perigoso, se não for usado corretamente. Portanto, todo mundo toma muito cuidado com o uso de qualquer tipo de poder sobre os outros.

O povo tribal está sofrendo uma tremenda pressão cultural, por causa do êxodo dos jovens para as cidades e a decorrente exposição desses jovens à mídia de massa. Lenta, mas certamente, estamos vendo, com tristeza, uma redução gradual da população da aldeia e a importação de todas essas novas idéias relativas ao romance e à privacidade. É o que acontece quando os jovens vão para a cidade.



Na África, pelo menos nas aldeias Dagaras, as construções servem principalmente para dormir, para rituais e para armazenar alimentos. A vida da aldeia, de fato, dá-se do lado de fora. Não temos um lugar especial para trocar fraldas, por exemplo. Tudo acontece ao ar livre. Tomamos banho no rio e nos vestimos ao ar livre. O banheiro é ao ar livre; são usadas folhas de uma árvore próxima. Um choque cultural para os que desprezam o jeito antigo!



Na vida tribal, a pessoa é forçada a diminuir de ritmo, a vivenciar o momento e comungar com a terra e a natureza. Paciência é essencial. Ninguém na aldeia parece compreender o sentido da pressa.



Na aldeia, existem aqueles que chamamos anciãos; são eles que tomam as decisões do povoado. Quando há uma situação urgente, os anciãos se reúnem e tentam decidir o que precisa ser feito. Não temos polícia ou algo parecido. Para questões de justiça, contamos principalmente com o espírito e com os anciãos.

Um conselho de dez anciãos gerencia os rituais e outros assuntos da aldeia. É uma espécie de comitê, dentro do grupo maior de anciãos. É preciso dizer que os anciãos não se sentem atraídos em participar desse conselho, porque envolve muito trabalho. A pessoa trabalha para toda a comunidade, mas não é como um político que decide tudo. Qualquer um pode chegar, a qualquer hora, e pedir sua ajuda. O ancião pode estar dormindo e alguém bater à sua porta e, então, terá de ir trabalhar. Não tem escolha.

O conselho é selecionado por todos que passaram pela iniciação dos anciãos. Eles são selecionados de acordo com a compreensão dagara das forças elementares que formam o universo. Temos cinco elementos diferentes: terra, água, mineral, fogo e natureza. Cada um desses elementos é representado, no conselho, por uma mulher e um homem. O conselho, portanto, é formado por cinco mulheres e cinco homens.



O elemento terra é responsável por nosso sentido de identidade, nosso pé no chão e nossa habilidade de apoiar e nutrir uns aos outros.

Água é paz, concentração, sabedoria e reconciliação.

Mineral ajuda-nos a lembrar nosso propósito e nos dá os meios para nos comunicar e compreender o que os outros estão dizendo..

Fogo relaciona-se com sonhar, manter nossa conexão com o ser e os ancestrais e manter nossa visão viva.

Natureza nos ajuda a ser o nosso verdadeiro ser, a passar por importantes mudanças e situações que ameaçam a vida. Traz mágica e riso.



Quando um membro do conselho de anciãos morre, todos os anciãos iniciados reúnem-se para selecionar um substituto. Por exemplo, se fica faltando uma mulher água, uma nova é selecionada para o conselho. Na verdade, é preciso fazer muito *lobby* para encontrar outro ancião, por causa da natureza delicada do trabalho e porque não é um serviço de nove às cinco, período após o qual cessam as obrigações e se pode ficar tranquilo.



A família, na África, é sempre ampla. A pessoa nunca se refere ao seu primo como “primo”, porque isso seria

um insulto. Então, ela chama seus primos de irmãos e irmãs. Seus sobrinhos, de filhos. Seus tios, de pais. Suas tias, de mães. O marido da irmã é seu marido, e a mulher de seu irmão é sua mulher.

As crianças também são estimuladas a chamar outras pessoas de fora da família de mães e pais, irmãs e irmãos.



Na aldeia, as grandes famílias vivem juntas. As mulheres dormem em um lado da casa e os homens, do outro.

As crianças podem dormir onde quiserem. Não sofrem restrições, até atingirem a adolescência. Elas podem dormir com as mulheres hoje, passar amanhã para o setor dos homens, ou dormir com os avós, etc.



Esse conceito de grande família realmente ajuda muito. Lembro-me de quando era criança: podia escolher um pai diferente todos os dias, dependendo do meu humor. Assim, se eu quisesse que um dos meus tios fosse meu pai naquele dia, concentrava toda minha atenção naquela pessoa e ignorava as outras. E ninguém tomava isso como uma ofensa pessoal; antes, consideravam isso como uma oportunidade para eu decidir o que queria. Essa prática também permite que um grande número de pessoas na aldeia conheça a criança e veja seu espírito.

Uma canção do espírito

A intimidade, em termos gerais, é uma canção do espírito, que convida duas pessoas a compartilharem seu espírito. É uma canção que ninguém pode resistir. Acordados ou dormindo, em comunidade ou sozinhos, ouvimos a canção. Não conseguimos ignorá-la.



Quer admitamos ou não, existe uma dimensão espiritual em todos os relacionamentos, independentemente de sua origem. Duas pessoas unem-se porque o espírito as quer juntas. Assim, é importante ver o relacionamento como algo movido pelo espírito, e não pelo indivíduo.



O papel do espírito é o de guia que orienta nossos relacionamentos para o bem. Seu propósito é nos ajudar a ser pessoas melhores, a nos unir de forma a manter nossa conexão não apenas com nós mesmos, mas também com o além. O espírito nos ajuda a realizar o propósito de nossa própria vida e a manter nossa sanidade.



Quando povos tribais falam de espírito, estão, basicamente, referindo-se à força vital que há em tudo. Podemos, por exemplo, citar o espírito de um animal, ou seja, a força vital daquele animal que nos ajuda a realizar o propósito de nossa vida e a manter nossa conexão com o mundo espiritual.

O espírito do ser humano é igual. Em nossa tradição, cada um de nós é visto como espírito que tomou forma humana, para desempenhar um propósito. Espírito é a energia que nos ajuda a nos unir, que nos ajuda a ver além de nossos parâmetros racialmente limitados. Também nos ajuda nos rituais e na conexão com nossos ancestrais.

Os ancestrais também são chamados de espíritos. O espírito de um ancestral tem a capacidade de ver não só o mundo invisível do espírito, mas também *este* mundo. Assim, serve como nossos olhos dos dois lados. É esse poder dos ancestrais que nos ajuda a direcionar nossa vida e evitar os abismos.

Espíritos ancestrais podem ver o futuro, o passado e o presente. Eles vêem dentro e fora de nós. Sua visão cruza dimensões. Eles têm a sorte de não ter corpos físicos como nós. Sem a limitação do corpo, eles têm a fluidez de um olho que pode se voltar para várias direções e ver de muitas formas.



Existem muitos espíritos diferentes, na África. Cada um deles tem um papel específico, ou uma característica específica, que pode nos ajudar. O espírito da terra, por exemplo, é responsável por nossa identidade, nosso conforto, nossa alimentação, e assim por diante. Existe ainda o espírito da natureza, o espírito do rio, o espírito da montanha, o espírito dos animais, da água e dos ancestrais. Espírito está em toda parte.



Tal mundo espiritual envolve e afeta absolutamente a todos no mundo. Sem o espírito, nunca teríamos chegado aqui. Sem espírito, fica realmente difícil saber se vamos acordar vivos amanhã; fica realmente difícil saber que temos vida.



Quem vive no Ocidente pode começar a fortalecer seus relacionamentos íntimos mantendo sua conexão com o espírito. Pode-se fazer isso por meio de preces e pela conexão com a terra, com o fogo, minerais e montanhas e pela associação com forças naturais, com caminhadas na natureza, por exemplo. Quando passamos algum tempo na natureza e nos afastamos da rotina mundana, aquela parte de nós que ouve os seres naturais encontra

permissão para ouvir, e podemos encontrar nossa conexão com os espíritos.

É muito fácil nos perdermos na vida mundana e esquecermos da conexão com o espírito. No entanto, sem essa conexão, somos praticamente mortos-vivos.

Também podemos fortalecer nossa conexão com o espírito por meio de rituais. Vários rituais nos ajudam a curar feridas específicas e nos abrem para o chamado do espírito.



Quando falamos sobre conexão com os' espíritos de ancestrais, muitas pessoas entendem que nos referimos a nossos ancestrais diretos. Mas isso seria difícil. Frequentemente, nem conhecemos nossos avós. Existe um conjunto de ancestrais – não precisa ser uma pessoa ou espírito que conhecemos ou que imaginamos. Pode ser uma árvore lá fora. Pode ser uma vaca, nosso cão ou gato, em casa. O tataravô, que morreu há muitas gerações, pode ter se unido ao conjunto de espíritos, e o tataraneto nem consegue identificá-lo. É possível que seja o riacho correndo ao longe. Portanto, o que importa é compreender que qualquer pessoa que perdeu o corpo físico é um potencial ancestral. Você atrairá muitos espíritos se simplesmente expressar seu anseio pelo apoio dos ancestrais.

Quando você começa um ritual no qual precisa do apoio dos ancestrais, pode se dirigir a eles simplesmente como espíritos ou ancestrais. Talvez possa até dizer: “os que eu conheço e os que eu não conheço e os que me conhecem melhor do que eu mesmo”. Assim, estará em contato com o poder ancestral e não terá dúvidas se, no conjunto de ancestrais, existe um espírito com quem você possa se identificar.



Às vezes, acreditamos que a confusão que vivenciamos em nosso dia-a-dia acontece isoladamente. Na realidade, tem algo a ver com a falta de conexão com nossos ancestrais. A idéia de cura dos ancestrais pode ser de ajuda, em um contexto como este. Para o povo Dagara, o luto é uma forma de fazer uma ponte entre nós e nossos ancestrais. Um ritual de luto pode ajudar a pessoa a soltar a raiva e a tristeza com a morte de um parente e levar seu espírito à terra dos ancestrais, onde poderá ser útil para nós. Alimentando nossos ancestrais regularmente, podemos renovar nossos laços com eles.



Em um relacionamento existe uma tendência natural de os espíritos de ambas as pessoas se unirem. Quando dois espíritos conseguem, de fato, comungar

profundamente, sem interferência da mente, as pessoas formam uma ligação muito forte, sincera e amorosa.

Quando não levamos em conta o espírito, deixamos o ego tomar conta dos problemas de relacionamento ou simplesmente escondemos nossos problemas, para nos sentir bem. Como resultado, podemos achar que estamos controlando tanto a nós mesmos quanto os nossos relacionamentos, mas, na verdade, não estamos — como descobriremos, quando as coisas começarem a desmoronar.



Quando um relacionamento íntimo é tirado de seu contexto espiritual, fica exposto a muitos perigos. Uma desconexão profunda é criada, não só no plano espiritual, mas também no plano pessoal.

Pessoas envolvidas em um relacionamento puramente sexual, por exemplo, carregam dentro de si um gigantesco buraco energético, de mágoas da tenra infância, que as isola completamente de seu verdadeiro ser. Sua esperança é que a pessoa com quem estão envolvidas possa lhes dar a conexão que anseiam. Frequentemente, elas também não estão conectadas com o ser. Assim, temos duas pessoas desconectadas tanto no nível espiritual quanto no nível pessoal. O relacionamento não tem qualquer tipo de força que lhe dê fundamento ou solidez.



Na África Ocidental, as crianças que foram para as cidades já estão distanciadas da vida diária conectada ao espírito. Tal fato ocorre porque vivem distantes da aldeia. Quando vão para a escola, não aprendem a respeito do espírito, nem trabalham sua conexão com ele. Não aprendem a respeito de suas tradições. Vão para as escolas para aprender coisas que não têm base no espírito e para esquecer a forma tradicional de viver.



Os primeiros dagaras que foram estudar nas cidades e sofreram a influência dos colonizadores franceses voltaram sentindo vergonha de seus pais e do estilo de vida tradicional. Alguns ficaram nas cidades e passaram vinte anos se pôr os pés novamente na aldeia. Essas pessoas só se voltam para o espírito quando sua vida está em jogo. Se estão tendo problemas com o emprego, se alguém as está ameaçando de morte, se querem ficar no poder, se estão doentes, então procuram a ajuda dos anciãos e dos curandeiros. Mas, até lá, ficam completamente desconectadas com o espírito.

É preciso entender a mente dessas pessoas que foram para escola. Poucas saem de lá ainda conectadas com o espírito.



Vejo tantos relacionamentos românticos no Ocidente movidos pelo ego e pelo controle. As pessoas precisam começar a ver que o espírito está por trás de sua união, e pôr o ego e o controle de lado, para trazer saúde ao relacionamento.



Se você está lendo este livro, diria que, ao menos, não apagou o espírito completamente de sua existência. Significa que ainda há um ouvido escutando. O espírito ainda está trabalhando. As pessoas que ainda têm esse canal aberto com o espírito interior, têm algo, como uma força magnética, que as puxa.

A primeira coisa a fazer é dizer: “ouvi sua voz, espírito. Talvez ainda não saiba o que fazer, mas sei que acabo de ouvi-lo”. Daí para frente, é preciso começar a entregar o controle e o ego presente em seus relacionamentos; trazer o espírito à tona, tirá-lo do canto escuro, onde tem sido inútil.

Se as partes envolvidas conseguirem começar a se abrir para o espírito desta forma, o relacionamento começará a evoluir para o que realmente deveria ser. O relacionamento fluirá a partir do reconhecimento que o espírito, e não o ego, é o principal guia, seja em um relacionamento amoroso, um relacionamento de família ou de amizade.



Este não é o tipo de livro que diz: “se você brigou com seu marido, leia a página 100 ou a página 300, e tudo ficará bem. É muito fácil as pessoas caírem, de novo, na armadilha do controle, quando estão sendo alimentadas com “faça isso, faça aquilo”. É muito fácil voltarem para aquele estado controlador, em vez de reconhecerem que os relacionamentos são baseados no espírito. O que precisamos dizer é: “está bem, espírito, finalmente o ouvi. Agora, qual é o próximo passo?”



A separação do espírito, como vemos aqui no Ocidente, tem como consequência fazer as pessoas darem uma importância desmedida ao amor romântico. Essa separação cria um forte desejo por outra pessoa, faz ansiar por uma forma de conexão. O amor romântico, porém, é apenas uma forma de descobrir essa outra conexão, que é a do espírito, aquela que de fato estamos procurando.



A união de dois espíritos dá luz a um novo espírito. Podemos chamá-lo de espírito do relacionamento ou espírito da intimidade. Ele é muito importante, porque age como barômetro do relacionamento e deve ser nutrido e mantido vivo. Se esse espírito morre, o relacionamento morre.

Na aldeia, são executados rituais para esse espírito. Uma vez por ano é feito um ritual para corrigir o que quer que tenha sucedido com esse espírito, para trazê-lo de volta à vida, se tiver havido desconexão. Gosto de chamar esse ritual de união de duas almas. As pessoas no Ocidente talvez não gostem disso, mas tal ritual envolve sacrifício animal.



Precisamos tentar não educar nossas crianças longe do espírito, para que elas não tenham de despender tanto esforço para se reconectar, quando crescerem. Quando já sabem que têm um espírito, todo o resto é compreendido. Essa compreensão torna a vida mais fácil para elas.

É assim que se tem sucesso como pai e mãe: admitir que existe um espírito poderoso presente, que deve ser honrado, em vez de desprezado. Também é assim que se tem sucesso nos relacionamentos.

O abraço da comunidade

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros.



Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem um lugar em que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham.

Além disso, a falta de comunidade deixa muitas pessoas com maravilhosas contribuições a fazer sem ter onde desaguar seus dons, sem saber onde pô-los. Quando não descarregamos nossos dons, vivenciamos um bloqueio interior que nos afeta espiritual, mental e fisicamente, de

muitas formas diferentes. Ficamos sem ter um lugar para ir, quando temos necessidade de ser vistos.



Um dos princípios do conceito dagara de relacionamento é que este não é um assunto privado. Quando falamos sobre “nosso relacionamento”, na aldeia, a palavra “nosso” não é limitada a dois. É por isso que achamos difícil viver um relacionamento em uma cultura moderna, que não tem verdadeira comunidade. Na ausência de comunidade, duas pessoas são forçadas a dizer “este relacionamento é nosso”, quando, na verdade, a comunidade é que deveria estar dizendo isso.



A ausência de uma verdadeira comunidade deixa o casal totalmente responsável por si e pelas coisas à sua volta. Assim, a possibilidade de atender suas necessidades fica reduzida. O relacionamento acaba se tornando a comunidade da pessoa. Quando não consegue preencher esse papel – o de constituir-se uma comunidade –, os indivíduos começam a se sentir fracassados. Afeta a psique tão dramaticamente que eles se sentem sem lugar. Aquilo que pensaram ser seu grupo de apoio, sua parceria, não consegue satisfazer suas necessidades.



É muito estranho ver duas pessoas como uma comunidade. Onde estão todos? Na minha primeira visita de volta à aldeia, depois de mudar-me para os Estados Unidos, disse à minha mãe que Malidoma e eu morávamos sozinhos em uma casa. Ela achou que eu era a pessoa mais louca que conhecera; para ela, viver assim era inconcebível. Significa que não há nenhum tipo de energia externa para sustentar e fortalecer nosso relacionamento e que temos de resolver as coisas sozinhos, o que é absolutamente impossível.

Sabe, é difícil uma única pessoa ter uma visão ampla. Com duas, pode-se ver um pouco mais longe. Mas se você tem todo um grupo de pessoas em sua volta, que de fato se preocupa com você e diz: "você está fazendo a coisa certa! Queremos sua companhia! Mostre-nos seus dons!", isso o ajuda a preencher seu propósito. Mesmo as pessoas mais teimosas superarão sua teimosia, para trabalhar no propósito de sua vida. Mas pedir isso de uma comunidade constituída de apenas duas pessoas, ou mesmo da família direta, é exigir demais.



Em meu próprio casamento, envolvo o máximo de pessoas possível no relacionamento. Procuramos, também,

sempre que possível, voltar para casa, isto é, viajar para nossa aldeia.

Como envolvemos as pessoas? Monitoramos o relacionamento constantemente e, por meio de rituais, criamos uma comunidade que nos dá o apoio que precisamos. Isso nos alimenta, para que prossigamos com o trabalho que estamos fazendo aqui.

Quando há desentendimentos em meu casamento, chamo essa comunidade. Sem sua ajuda, talvez o fogo de nossa relação já estivesse extinto.



Aqui no Ocidente, talvez nunca tenhamos o tipo de comunidade que tínhamos na África. No entanto, podemos ao menos ter uma noção dela, permitindo que os amigos participem de nossa vida. Quinze minutos de comunicação com os outros podem ajudar de forma profunda a compensar a falta de comunidade.



Amigos e família provêem um recipiente, um lugar seguro no qual a pessoa possa buscar apoio, caso precise de ajuda com um ritual, de alguém para lhe dar um abraço, de conversar com alguém ou ter uma perspectiva diferente sobre algum assunto.

Você pode fazer o que quiser com o conselho que receber. Mesmo assim, trazer o espírito de outras pessoas para sua vida é bom; dá-lhe muitos outros olhos para ver e ajuda a superar limitações. Algumas vezes, você pode estar espiritualmente cego em relação a alguma coisa, e um amigo pode estar consciente dessa coisa. Se você não se estender aos amigos e familiares, sua realidade poderá ficar bastante limitada. Com a colaboração das pessoas, ela se expande.



Por outro lado, amigos e familiares também podem roubar a paz dos relacionamentos íntimos. A bênção da família é muito importante no que tange à intimidade. No entanto, se existem questões não resolvidas na família, esse fato pode afetar a vida da pessoa e, até mesmo, o espaço íntimo com outros.



Quando os casais não são abençoados pela comunidade, na maioria das vezes cria-se um vácuo que as pessoas têm de se empenhar muito para compensar ou curar. Muitas pessoas divorciam-se simplesmente por causa da pressão da comunidade, da família ou de amigos que não apoiavam o casamento ou não tinham uma compreensão espiritual da relação.

É difícil que um relacionamento sobreviva sem esse apoio. Algumas pessoas ficam juntas, mas pagam um preço. Por exemplo, a quem uma pessoa poderá recorrer, se estiver em uma relação e precisar de amigos ou familiares para fazer um ritual, ou simplesmente para ouvi-la, e não tiver acesso a eles? Terapia é bom, mas tem seus limites. É realmente difícil para os terapeutas compensarem por todas essas coisas.

Quando você não tem uma comunidade de amigos e familiares envolvidos em um relacionamento, baseia todas as suas expectativas de intimidade em seu casamento. O que é realmente difícil: é exigir demais de qualquer relacionamento. É claro, seu parceiro é seu amigo e sua família, mas receber tudo dele é absolutamente impossível.



Quando as pessoas envolvem seus amigos e familiares em sua vida, elas podem fazer a intimidade funcionar. Mas em geral as pessoas acham que esses assuntos são muito íntimos e que não devem expô-los aos outros. Manter tudo privado geralmente mata um relacionamento.



A maior parte das vezes, nossas crises não são complicadas. Quando as mantemos escondidas, elas vão

crescendo a cada dia, e depois começam a nos estrangular. Então, precisamos estar abertos a outras pessoas, para que nossos relacionamentos funcionem. Observo que muitas pessoas que participam de grupos de apoio conseguem pôr de lado o medo de falar com os outros sobre seus problemas e acho isso bom. Sempre haverá problemas nos relacionamentos. Deixar o medo de compartilhá-los ameaçar seu futuro é ridículo.



Aqueles que moram no Ocidente podem criar uma noção de comunidade em sua cidade. Podem fazer isso apoiando, constantemente, uns aos outros. Cada um de nós precisa de algo para se segurar. É por isso que existem todas essas pequenas comunidades aqui e acolá – grupos de voluntários em questões sociais, grupos de apoio e todos esses pequenos grupos que perseguem um objetivo comum. São tentativas de recriar uma comunidade maior, que existia e foi destruída.

A única diferença é que a maior parte dessas comunidades não se concentra no espírito. Elas tendem a deixar o espírito de fora de sua atividade, o que é um erro. É uma forma de dizer que estão no comando”, quando, de fato, a verdadeira comunidade deve ser baseada no espírito. O espírito deve sempre ser líder e guia de todos em uma comunidade.



A pessoa pode argumentar que, no Ocidente, as igrejas constituem tal comunidade. Talvez fosse o caso, se as igrejas dessem poder aos indivíduos. Então estaríamos mais perto do tipo de comunidade que estamos falando, a das aldeias. Mas as pessoas não vão à igreja para reafirmar que o espírito está dentro delas e que todos são diretamente conectados ao espírito. Você não encontra uma igreja em que todos dão a eucaristia uns aos outros.



Talvez seja difícil, para quem sempre morou no Ocidente, ver tudo aquilo que possui como pertencente a toda a comunidade, mas este é o caso na aldeia. Como resultado, cada pessoa na aldeia contribui para o bem-estar dos outros.

Quando você tem um filho, por exemplo, não é só seu, é filho da comunidade. Do nascimento em diante, a mãe não é a única responsável pela criança. Qualquer outra pessoa pode alimentar e cuidar da criança. Se outra mulher tiver um bebê, ela pode dar de mamar a qualquer criança. Não há o menor problema.

Algumas vezes, quando uma mãe quer ver seu filho, ela não consegue, porque muitas pessoas estão cuidando dele. Lembro-me de que costumava pregar uma peça nas

minhas irmãs. Eu pegava seus filhos e desaparecia com eles por um bom tempo. Minhas irmãs ficavam pensando onde estariam seus filhos, mas sabiam que estavam seguros.



Quando você se casa, nesse tipo de sociedade, não é só você que se casa, é toda a tribo. Todas as pessoas daquela tribo, daquela aldeia e da família vão se casar naquele dia. Você é a pessoa que lhes dá a oportunidade para isso. Assim, na aldeia, as pessoas dizem que vão se casar tal dia, embora seja o casamento de outra pessoa.



Se uma criança cresce achando que sua mãe e seu pai são sua única comunidade, quando tem um problema e os pais não conseguem resolvê-lo, ela não tem ninguém a quem recorrer. Os pais são os únicos responsáveis pelo que aquela criança se torna, e isso é pedir demais de apenas duas pessoas. Pior ainda: muitas vezes, uma única pessoa é deixada com os filhos.

Dar à criança um sentido maior de comunidade ajuda-a a não depender de apenas um adulto. Assim, a criança pode procurar uma pessoa de sua escolha. Se essa pessoa não resolver seu problema, ela pode procurar outra.



Como seres humanos, somos limitados quanto ao que podemos fazer ou dar. Assim, ao educar crianças, precisamos, definitivamente, do apoio de outras pessoas. É como dizemos: “é preciso toda uma aldeia para manter os pais sãos”.

Quando os casais têm filhos, sem uma comunidade de apoio, não têm muito tempo para resolver os problemas que vão surgindo entre eles. Desse modo, as coisas vão se acumulando e, quando os filhos vão embora, de repente, dão-se conta de que existe uma montanha de coisas que não foram trabalhadas durante anos. Assim, eles começam a cavar a montanha de problemas, e quando não conseguem resolvê-los, já sabemos o que fazem: vão embora, sem dizer adeus. Muitos casais divorciam-se depois que os filhos saem de casa. Acho que uma das principais causas disso é a ausência do apoio da comunidade na educação das crianças.



Como podemos progredir em direção de uma estrutura familiar ou de um relacionamento mais sãos? O fator principal, a meu ver, é a comunidade – construir comunidades em que se possa confiar uns nos outros, em que se

possa ajudar uma mãe que está chorando, porque seu filho está chorando e ela não sabe o que fazer.

Na aldeia, quando acordamos pela manhã, a primeira coisa que fazemos é sair de casa. Aqui, certo dia, fiquei sentada dentro de casa o dia inteiro. Ocorreu-me que aquela era a primeira vez na minha vida que tinha feito isso, exceto quando estive doente.

Levantar pela manhã e não estar lá fora com as pessoas é absolutamente inconcebível para alguém da aldeia. Quando você passa o dia todo dentro de casa significa que alguma coisa não está bem, e as pessoas ficam preocupadas com você. Portanto, podemos começar a expandir nossa comunidade saindo de casa, conversando com os vizinhos e nos ajudando mutuamente.

São pequenos passos como esses. É como dizemos: se você tem um bebê, não vai se desfazer dele porque é pequeno. Continua cuidando dele, sabendo que, um dia, vai crescer. Esse é o tipo de coisa que podemos fazer — nutrir muitos pequenos relacionamentos para que, um dia, a comunidade possa se beneficiar.



Na aldeia, as pessoas não conseguem acreditar que Malidoma e eu moramos sozinhos em uma casa. É inconcebível. Elas se perguntam por que temos uma casa inteira, especialmente quando digo que é realmente

grande, comparada com as casas que temos na aldeia. Disse à minha mãe que minha casa é enorme. Ela, simplesmente, abanou a cabeça e perguntou: “mas para que isso?” Expliquei a ela que, no Ocidente, todo mundo tem seu próprio lugar, e que não há uma aldeia para se viver. Onde moramos não temos familiares. Disse a ela: “você não gostaria de vir morar comigo?” Ela respondeu: “não. Não nessas condições”.



É uma coisa difícil para o povo tribal conceber uma vida sem uma comunidade, assim como é difícil para a maior parte dos ocidentais imaginarem a vida em comunidade.



Para criar uma comunidade que funcione, é preciso observar cuidadosamente alguns dos seus fundamentos: espírito, crianças, anciãos, responsabilidade, generosidade, confiança, ancestrais e ritual. Esses elementos formam a base de uma comunidade. Não é preciso começar com muita gente. Preferiria um círculo de poucos bons amigos a me perder em uma multidão de pessoas, as quais não ligam umas para as outras.



A intimidade, atração natural entre dois seres humanos, é algo movido pelo espírito, segundo os anciãos. O espírito une as pessoas para dar-lhes a oportunidade de crescerem juntas. Esse crescimento é diretamente conectado com as dádivas que as duas pessoas poderão dar à aldeia. É por isso que, quando um casal está em apuros, toda a aldeia está em apuros.

Os aldeões envolver-se-ão e estudarão os problemas do casal, para garantir que sejam resolvidos, pois é de seu próprio interesse. Por conseguinte, o apoio da comunidade não é inteiramente altruísta. As pessoas não vêm necessariamente ajudar o casal. Estão vindo ajudar a si mesmas. Se um casal está com problemas, é provável que as pessoas à sua volta sejam afetadas e, conseqüentemente, não recebam aquilo que precisam.



Quando começamos a sentir um problema, pensamos que ele pertence apenas às duas pessoas envolvidas. Esquecemos que o espírito está lá. Tendemos a esquecer que temos aliados que podem nos dar força. Esquecemos de pedir ajuda aos amigos ou familiares.

Na aldeia, é mais fácil, porque todas as manhãs, quando acordamos, alguém pergunta: “você ouviu alguma coisa doce ontem à noite?” Se você ficar em silêncio ou responder que não, a pessoa ficará preocupada, porque sabe que algo está errado. Se você não ouviu nada de

bom, significa que algo de azedo deve ter substituído o bom. Então, os aldeões irão atrás do problema, antes que fuja totalmente do controle.

Do mesmo modo, é comum, todas as manhãs, que as mulheres se reúnam para falar sobre as coisas da vida a dois; se necessário, vão para os arbustos, andando para longe de casa, porque há algo que precisa ser trabalhado.

Isso me lembra da importância que tem o sexo da pessoa no relacionamento. Uma mulher não deve esperar que seu marido substitua suas amigas e cuide dela da mesma forma. Similarmente, um homem não deve esperar que sua esposa substitua seus amigos.



Ser mulher não significa que a pessoa não tem nada a ver com a energia masculina. Da mesma forma, ser homem não quer dizer que a pessoa não tem nada a ver com o feminino. Vaginas e pênis não são as únicas coisas que definem nossa natureza sexual. Nossa vida é influenciada pela presença, dentro de nós, das energias masculina e feminina. É importante que essas energias estejam em harmonia dentro de nós.



Há coisas que os homens devem fazer para nutrir o seu ser feminino, e há coisas que as mulheres devem

fazer para nutrir o seu ser masculino. Na aldeia, uma vez por ano, os homens que passaram pela iniciação na mesma ocasião reúnem-se, no mesmo local onde foram iniciados, e fazem um ritual que parece maternal. Há uma troca emocional estritamente de homem para homem. Algo no ritual destrói a sensação narcisista que vem com as responsabilidades.

Mesmo não sendo um funeral (quando os homens, mulheres e crianças choram juntos), os homens choram o quanto sentirem vontade. Há uma necessidade de reanimar a parte do ser conectada com as emoções, e esse ritual permite que façam isso, sem que seja preciso que alguém tenha morrido.

Durante o ritual, os homens cuidam uns dos outros. Eventualmente, por causa de alguma pressão interna, alguém pode desmoronar. Outro homem vem tomar conta dele. Ao fazer isso, o segundo homem também desmorona, e um terceiro vem se unir a eles. Dessa forma, torna-se um apoio contínuo e um ritual de acalento.

Por alguma razão, esse ritual tem como efeito tornar mais fácil para os homens pararem de querer controlar o espaço ritual da intimidade. Em outras palavras, quando a noção de responsabilidade e de ser homem na comunidade pára de dominar a pessoa que participou deste ritual, o círculo de intimidade que cria com sua parceira se torna mais próximo ao que o espírito quer.

O que sentimos é que o homem tende a vestir sua máscara de guerreiro, mesmo no círculo de cinzas da

intimidade. Enquanto esse ser guerreiro não for domado por algum tipo de energia maternal, é quase impossível para o homem entrar em relação íntima com sua parceira.



Na aldeia, para que as energias feminina e masculina possam estar em harmonia, as mulheres e homens precisam se comprometer a trabalhar no equilíbrio de sua energia sexual. Quando uma das duas energias prepondera, torna-se dominadora e pode ameaçar a estabilidade da aldeia. Por essa razão, as mulheres não apenas se reúnem todo ano com suas irmãs de iniciação, como também se reúnem tanto quanto possível. Fazem essas reuniões em uma caverna ou no mato. Lá, fazem uma série de rituais para fortalecer sua energia masculina, lidando com a raiva e assumindo papéis masculinos.

Depois, saem para caçar, embora este seja um ponto secundário no ritual, porque, na aldeia, habitualmente as mulheres não caçam. Tal atividade permite que as mulheres sejam extrovertidas. A caça é costumeiramente seguida pela dança dos guerreiros, que os rapazes aprendem em sua iniciação. Todas as mulheres se vestem de homem durante o ritual. Algumas usam barba e bigode.

Normalmente, a *purè*, ou “pai-mulher”, está presente e assegurará que a energia masculina esteja sendo fortalecida. Se você não a conhecesse antes, acharia que

é um homem. O tom da sua voz, seu olhar, tudo nela tem uma energia masculina. Uma a uma, as mulheres vão até ela. Primeiro, fazem uma conexão com os pés. Depois, uma conexão face a face. Esse procedimento ajuda a selar a experiência.

Quando as mulheres voltam para casa, têm um pequeno ritual de boas-vindas. São todas recebidas em casa de uma forma que impede que exagerem sua renovada energia masculina e tornem-se excessivamente masculinas, e do mesmo modo impede que voltem a estar inteiramente na energia feminina.



Aceitamos a tradição que as mulheres devem trabalhar com as mulheres para construir uma identidade feminina, e que os homens devem trabalhar com os homens para construir uma identidade masculina. Dessa forma, quando um homem e uma mulher se unem, são mais capazes de se relacionarem entre si.



Existe algo no mundo tribal que compele cada grupo sexual a se unir, para trabalhar certas coisas. Vejo práticas similares no Ocidente, no chamado movimento feminista e no movimento dos homens. São formas de as mulheres

e os homens melhorarem seus relacionamentos, não só com pessoas do mesmo sexo como também com as do outro.

Você vai reparar que, em muitas aldeias na África, nos dias em que as mulheres estão todas reunidas, os homens também se reúnem. Não é uma prática sexista. É só que, por alguma razão, sentimos que a noção clara da diferença é essencial para a união harmônica com o companheiro.



Hoje, não somos chamados a travar uma guerra com o sexo oposto. Precisamos abraçar o novo milênio com um olhar totalmente novo, um coração que permite respeito mútuo. Mulheres e homens têm seus próprios mistérios, e nenhum dos dois jamais entenderá o outro completamente. O modelo da aldeia existe não para estimular o sexismo, nem para tornar homens e mulheres iguais, mas para criar um ambiente no qual os sexos apreciam e respeitam o outro.



Ritual: o chamado do espírito

É importante, em qualquer relacionamento, fazer rituais – para manter a paz, para manter os pés no chão, para melhorar a comunicação. Existem rituais que ajudam os casais a reafirmar seu propósito, a contribuir com seus dons à comunidade e a compartilhar as dificuldades dos outros, para que não fiquem envolvidos somente com suas próprias questões.



O que é um ritual? Um ritual é uma cerimônia em que chamamos o espírito para servir de guia, para supervisionar nossas atividades. Os elementos do ritual nos permitem estabelecer conexão com o próprio ser, com a comunidade e com as forças naturais em nossa volta. No ritual, chamamos o espírito para nos mostrar os obstáculos que não somos capazes de ver, por causa de nossas limitações como seres humanos. Os rituais nos ajudam a remover obstáculos entre nós e nosso verdadeiro espírito e outros espíritos.



Em nossa aldeia, todo mundo é viciado em rituais.

Algumas pessoas são íntimas de toda a aldeia simplesmente por causa de seu envolvimento freqüente nos rituais. Os rituais são tão apreciados que a maior parte das conversas versa sobre o mais recente ritual, ou sobre a necessidade de fazer um outro. Talvez seja por esse motivo que as pessoas da aldeia não têm televisão.

Buscam sempre estar envolvidas em rituais, porque o ritual dá uma energia especial, que dura uns três ou quatro dias. Assim que começa a diminuir a energia, todos se preocupam. Precisam do “barato” novamente.



Não se faz um ritual somente por fazer. Todo ritual deve ter um propósito específico, uma intenção claramente definida. Deve haver algo para ser resolvido.



Existem rituais individuais, rituais comunais, rituais de manutenção e rituais radicais. Rituais radicais são feitos para desassociar a pessoa de um estado de profunda agitação ou alienação e reunificá-la ao seu espírito. São feitos pela comunidade, para um ou mais indivíduos. Depois, são necessários rituais de manutenção, para que os efeitos do ritual radical continuem.

Tome, por exemplo, uma pessoa que esteja muito desconectada de si, de seu espírito. Ela não precisa de

um ritual de manutenção. Precisa de algo radical para acabar com a desconexão e trazer o espírito de volta, a fim de que possa voltar a sentir-se vibrante.

Em tal ritual, a comunidade precisa estar presente, porque a pessoa fica tão vulnerável que necessita de um espaço sagrado contido, mantido por outras pessoas que garantirão que não se machuque.

A comunidade também precisa estar presente para recebê-la de volta. Quando a pessoa passa por um ritual radical, se não tiver uma recepção apropriada na volta, sua psique vai entender que não fez o ritual de forma correta. Ela pode ter de repetir o ritual. A psique não saberá que o ritual foi bem sucedido, na ausência de uma comunidade em volta a atestar tal fato.



Quando se quer entrar no mundo do ritual, é preciso reconhecer a existência de toda uma linha de ancestrais, de um mundo de espírito em nossa volta, espíritos do mundo animal, da terra, das árvores, e assim por diante. Se a pessoa disser para essas forças, “venham e unam-se a nós, para que possamos nos abrir e realizar algo”, então, já estará em ritual.

Depois disso, é preciso declarar seu propósito, esclarecendo sua necessidade ou objetivos. Os espíritos são atraídos para as atividades, particularmente aquelas que requeiram seu envolvimento.

Tudo que a pessoa precisa fazer, daí em diante, é mergulhar em seu coração e ouvir seu ritmo. Os seres que chamou para seu círculo falarão com ela. O problema é que, em geral, não nos concentramos o suficiente nessa atividade e, por isso, não os ouvimos.



Com frequência, quando você convida um espírito, ele não vem sozinho. Reúne seus amigos, seus parentes, amigos de seus amigos, e assim por diante. Todos esses espíritos virão até você. E não é necessário ter um Ph.D ou sofrer dores e contorções para atraí-los. Só o que você realmente precisa é da sinceridade de seu coração e manter os ouvidos abertos.



No Ocidente, as pessoas tendem a padronizar tudo. Assim, se você descreve um ritual, as pessoas acham que ele se aplica a todas as situações. A despeito de cada caso ser diferente, todos seguirão a mesma fórmula. No ritual, essa padronização não funciona. O ritual tem de ser específico para as pessoas envolvidas. Se você tenta padronizar as coisas, na verdade acaba afastando o espírito das pessoas e trazendo insinceridade.



Gostaríamos de ganhar um livro secreto de receitas de rituais. Desse modo, se tivéssemos uma dor de dente, poderíamos ler a página 129, parágrafo 2, e tudo ficaria resolvido. Mas, na verdade, *nós somos* a página 129, parágrafo 2! O que estou dizendo é que você deve acreditar em si mesmo, acreditar em sua habilidade de ouvir. Diga apenas: “sei que essas coisas existem em algum lugar dentro de mim”.



Lembro-me de, quando era criança, como uma de minhas avós nos envolvia nos rituais. Ela montava situações nas quais tínhamos de criar um ritual apropriado. Ela nunca interferia em nossa criatividade. Tudo que fazia era garantir que avançássemos. Assim como uma mãe que ensina uma criança a andar, ela nos guiava um pouquinho e, quando caíamos, estimulava-nos para que seguissemos tentando.



Em qualquer ritual, começa-se preparando o espaço sagrado e montando-se um altar. Depois, convida-se o espírito com uma invocação. Primeiro, deve-se definir a intenção e reunir um grupo de pessoas sérias, que queiram o bem maior.

As pessoas envolvidas em um ritual são as únicas que podem determinar exatamente quais elementos são necessários. Os rituais não são todos iguais; cada um tem o seu sabor. O melhor é estudar a situação cuidadosamente, depois determinar quais os elementos necessários. A diversão começa quando cada um colabora com um ingrediente.

O ritual é, portanto, como um jantar no qual todo mundo traz um ingrediente. Algumas pessoas trazem cebolas, outras, tomates, algumas trazem alface ou aipo, pimentão ou pimenta, e assim por diante. Depois de reunir todos os elementos, você verifica quais os ingredientes que funcionam melhor.



O ritual começa quando se define um espaço de ritual. Pode-se delinear um espaço de ritual com cinzas, folhas ou pedras. Algumas vezes, pode-se simplesmente montar um altar.

Selecione um lugar onde possa montar um altar e acenda algumas velas. Com cinzas, faça um círculo do tamanho que julgar necessário. Pode ser um círculo pequeno, para duas pessoas sentarem e resolverem um conflito; ou grande, para incluir muitas pessoas. A cinza pode ser de qualquer madeira queimada, preferivelmente sem pregos ou qualquer tipo de substância química. Como a cinza é ligada ao fogo, confere proteção; ajuda quando

os espíritos são chamados e auxilia as pessoas a se conectarem; impede que energias negativas surjam, enquanto a pessoa estiver no ritual.

Seu altar deve ser feito de itens que simbolizem algo de bom para você e se relacionem com o propósito do ritual. Deve ser belo. Você pode usar velas, água, flores, tecidos, máscaras ou fotografias. Em um ritual feito para um relacionamento, pode ser útil montar um altar do casal e um altar individual. O altar do casal deve conter elementos selecionados por ambos, e o altar pessoal deve ser produzido pelo indivíduo.

Na tribo Dagara, usamos, no altar, as cores azul ou preto, vermelho, amarelo, verde e branco. Essas cores representam, respectivamente, água, fogo, terra, natureza e mineral. (O povo Dagara não faz distinção entre azul e preto.) Usamos pedras para representar o reino mineral e folhas para a natureza. O crânio usado nos rituais de relacionamento representa a morte e a lembrança. Folhas verdes representam a vida. Trazemos água para representar a paz, o estado de paz que gostaríamos de ter em nossa vida. A terra simboliza o alimento, os pés no chão, um sentido de identidade e sustentáculo. O fogo é representado por cinzas, sangue ou algo vermelho, para simbolizar nossa conexão com os ancestrais. Ossos e rochas representam a comunicação e nossa capacidade de lembrar. Dependendo de nossas necessidades, um ou mais desses elementos é usado em um ritual.

Então, se estiver fazendo um ritual pela paz, por exemplo, poderá usar velas azuis ou pretas, água e outros itens que lhe representem a paz.

Se o ritual for para acalentar ou para trabalhar na identidade de um relacionamento, você poderá usar terra e velas amarelas.

Se estiver trabalhando com a comunicação, com o intuito de interpretar corretamente os sinais que recebe de seu parceiro, poderá usar uma vela branca, pedras e ossos.

Se estiver trabalhando para se conectar com o espírito dos ancestrais ou manter a conexão espiritual em seu relacionamento, poderá usar velas vermelhas. O fogo traz calor, ação e compaixão. Ajuda um casal a sonhar junto. No entanto, digo às pessoas para se certificarem de que sua intenção esteja absolutamente clara antes de usar o vermelho, porque o fogo é veloz e pode, rapidamente, fazer a situação degenerar e se tornar uma guerra.

Talvez você esteja buscando a magia para conseguir passar por importantes mudanças. Nesse caso, velas e tecidos verdes serão usados, além de máscaras – que representam o grande mistério – e qualquer outra coisa que lembre a natureza. Esse tipo de ritual serviria, por exemplo, para um casal que estivesse começando a usar máscaras diante da comunidade, agindo com desonestidade e apresentando seu lado falso.

Esses elementos de ritual devem ser tomados simplesmente como fonte de inspiração, particularmente para as pessoas que não têm costume de fazer rituais.

Depois do espaço delineado, do altar pronto, do propósito do ritual determinado e claramente expresso para os espíritos e ancestrais, você pode ajudar a pessoa para quem o ritual foi criado. Pode declarar o início do ritual, mas, de fato, o ritual começou antes, no momento em que as pessoas se reuniram para resolver as coisas e começaram, com a orientação do espírito, a preparar o espaço de ritual.



Nunca devemos excluir as crianças dos rituais. A presença das crianças gera os rituais mais simples e vibrantes. Quando estão presentes, o que quer que se faça de errado torna-se certo. Por alguma razão, elas são, por sua própria natureza, ritualísticas. Mesmo que você simplesmente as reúna, chame os espíritos, declare seu propósito e faça uma procissão liderada pelas crianças – só isso já estará bem. A quantidade de sinceridade e pureza que caminhará à sua frente curará todos os tipos de impurezas ou críticas e negatividade que você possa estar carregando. É assim, poderoso.



Nem todos os aspectos dos rituais africanos funcionarão no Ocidente, como a idéia de sacrifício – o sacrifício de

galinhas, por exemplo. Por outro lado, as pessoas estão acostumadas com oferendas. Leve uma oferenda até o mar. Leve uma oferenda até a montanha ou o campo. É muito proveitoso fazer uma doação periódica, pelo bem de sua vida íntima – uma oferta de gratidão ao espírito ou uma entrega da negatividade para purificar sua relação.



As pessoas tendem a se distanciar de suas emoções. Assim, desconectam-se do que está acontecendo e tornam-se superficiais. No ritual, se a pessoa sentir vontade de chorar, não há problema. Se a pessoa sentir raiva, é importante que possa extravasá-la. Com efeito, a raiva carrega uma energia de cura. Ela só se torna destrutiva quando deixamos que domine nosso ser e o mantenha prisioneiro.



Todo o conceito de intimidade é fundamentalmente derivado do ritual. Fora do ritual, nada pode ser verdadeiramente íntimo. É por isso que, na aldeia, toda emoção é ritualisticamente compreendida. Assim, os relacionamentos humanos, quando começam a se aprofundar, entram no canal do ritual. Os relacionamentos mais íntimos desenvolvem-se constantemente como ritual.

Assim, qualquer coisa próxima, qualquer coisa íntima, é impossível sem um espaço ritual. Qualquer coisa que leve as pessoas a expressarem, umas para as outras, algo diferente de sua vida diária, toca no mundo espiritual, no mundo ancestral e é, portanto, um evento de ritual.



Aprender a se familiarizar com a intimidade é voltar à escola de ritual. Se você souber como viver em ritual, provavelmente lidará melhor com seu relacionamento do que se não souber.

Não sei como provar o que estou afirmando, mas não posso evitar reconhecer, nos gritos de um ritual de resolução de conflito de casal, a renovação do contrato de intimidade. É como se, de alguma forma, sem esse ritual, outros cinco dias de relacionamento não seriam possíveis. Seu esforço também significa que essas pessoas estão levando a sério seu relacionamento.



Se as pessoas compreendessem a conexão entre a intimidade e o espírito, lidariam diferentemente com toda a idéia de relacionamento. Elas começariam a compreender que o ritual pode ajudar a curar a raiva e a frustração entre parceiros.

Em um espaço ritual, o espírito ajuda a resolver essas questões. Não é uma solução rápida, do tipo “faz-se um ritual e tudo fica perfeito”. No geral, os conflitos são profundamente enraizados na psique, e é mesmo difícil para as pessoas separarem-se deles. No entanto, quando uma pessoa começa a entregar o comando para o espírito e a convidá-lo por meio do ritual, é muito fácil para o espírito ajudar a curar essas feridas.

Pelo que pude observar na cultura dos Estados Unidos, a maior parte dos relacionamentos começa do alto da colina. O alto da colina tem essa sensação gostosa de estar apaixonado. É claro, existe toda aquela dificuldade da paquera: é tão frustrante, você tem de encontrar a pessoa, depois fica com medo de não funcionar, de que algo vai dar errado. Eventualmente, porém, tudo funciona e parece o paraíso. Esse é um relacionamento do alto da colina.

No entanto, um relacionamento precisa crescer e estar sempre em movimento. Se já estiver no topo, para onde irá? É muito difícil descobrir uma forma de continuar dando voltas no alto da colina. Assim, freqüentemente, a coisa vai para baixo.

No contexto da aldeia, no qual a comunidade dá apoio ao relacionamento entre duas pessoas, esse relacionamento começa embaixo da colina. Gradualmente, é empurrado, pela comunidade e pelo espírito, com o apoio do ritual, para cima. Assim, quando duas pessoas chegam ao topo, levam toda a comunidade junto.

Qual é o destino de um relacionamento, na ausência da comunidade? E na ausência de ritual? Acho que é algo em perigo. É por isso que aqueles que estão em um relacionamento íntimo devem começar a abordá-lo como algo sagrado, que deve ser tratado em um contexto de ritual.

Como fazer isso? Acho que, primeiro, a habilidade de duas pessoas se descobrirem deve ser homenageada com um ritual de ação de graças ao espírito. Porque é por intermédio do espírito que duas pessoas conseguem se encontrar. Assim, elas devem procurar uma forma de ritualizar esse encontro e dar graças ao espírito que as uniu. A imaginação e o amor que sentem pela outra podem ajudá-las a fazer isso.

A próxima coisa é, de modo contínuo, devolver o relacionamento para o próprio espírito que o concebeu. O casal é o recipiente, mas o espírito é aquele cuja bênção injeta vida e crescimento no relacionamento. Toda vez que um conflito nasce, esse conflito deve ser visto fundamentalmente como um aviso enviado pelo espírito. Está apontando para uma profunda instabilidade ou um desvio do caminho, o caminho desenhado por ele para o relacionamento. Assim, novamente, é o espírito que as pessoas em conflito devem procurar, por meio do ritual, para compreender que o conflito é algo maior do que essas duas pessoas. Talvez, simplesmente por entregar com humildade o problema nas mãos do espírito, possa surgir alguma luz a respeito de como começar a resolvê-lo.

É muito difícil resolver intelectualmente as emoções. A mente não sabe como sentir; sua lógica não pode satisfazer o desejo do coração. É por isso que é tão importante entender como o ritual, ou a sensação dentro do ritual, pode ser um instrumento para resolver crises nos relacionamentos. O que estou tentando dizer é que, de muitas formas, nossa capacidade de enxergar e cuidar do outro é uma dádiva do espírito. Não devemos encará-la como certeza garantida. Toda dádiva deve ser mantida e acalentada. Se não soubermos como nutrir essa dádiva, ao menos precisamos notificar a fonte doadora quanto à nossa inabilidade de cuidar dela.

Espíritos adoram intervir em nossos assuntos. No entanto, não o fazem sem a nossa vontade. Eles estão aí fora, esperando um trabalho para fazer. Sempre falamos sobre o desemprego neste mundo. Pense no outro mundo! Então, essas são pequenas tarefas que podemos lançar, aqui e ali, para os espíritos, coisas que podem fazer por nós. Talvez seja nessas pequenas coisas que encontraremos nosso caminho de volta ao tipo de comunidade que naturalmente nos manterá unidos.

Não podemos resolver, em nosso cérebro, exatamente como um ritual vai funcionar, antes de entrarmos neste. Temos de começar dizendo ao espírito que reconhecemos nossa ignorância. Não há nada de errado em não saber. De fato, espíritos adoram ouvir a pessoa dizer que não sabe como fazer, porque eles sabem. E entenderão sua afirmativa como um convite para que eles façam o que devem.

Portanto, acho que a melhor forma, ou a forma que ainda nos resta, para cuidar de nossos relacionamentos, é buscar o espírito por meio do ritual. Acredito que a maior parte dos leitores sabe o que eu quero dizer com isso. Toda vez que, do seu coração, você invoca ou fala com um ser do outro mundo sobre algo que está acontecendo neste mundo, você está em ritual; está fazendo algo que inclui outros que não são de carne e osso como você.

Somos os olhos dos ancestrais neste mundo. Quando observamos que algo não vai bem em nossos relacionamentos, é nossa responsabilidade comunicar o fato aos ancestrais. Algumas vezes, observamos que as coisas não estão indo bem e nada fazemos – porque não sabemos como pedir ajuda, porque achamos que não somos suficientemente criativos, que não merecemos ser ajudados. Então, corremos o risco de perder nosso tempo em questões que são tarefas de nossos aliados do outro mundo. Enquanto isso, nosso propósito verdadeiro fica parado.



Nascimento com propósito

Quando duas pessoas casam-se e constroem um relacionamento íntimo, é desejável que se abram para a entrada de outras almas; que criem um espaço sagrado para os espíritos que queiram trazer à terra seus dons e cumprir seu propósito.

Assim, o povo de nossa aldeia diz que as crianças não pertencem completamente aos pais que lhes dão a luz; diz que elas usaram o corpo de seus pais para chegar, mas pertencem à comunidade e ao espírito.



Cada pessoa escolhe seu propósito de vida antes do nascimento. Eu, por exemplo, escolhi trabalhar com os grandes mistérios, explorar o desconhecido; deixar-me ser engolida pelos mistérios, para que outros aprendam. Comprometi-me a sair da aldeia, algum dia, para que outros possam olhar para o desconhecido e lembrar dos antigos rituais.

Agora, como a pessoa descobre qual é seu propósito? Quando uma mulher está grávida, faz-se um ritual de audiência. Nesse ritual, os anciãos perguntam à criança: “quem é você? Por que está vindo? Este mundo está

muito complicado, por que você resolveu vir? O que podemos fazer para facilitar sua jornada?"

O bebê usa a voz da mãe e responde: "este sou eu. Estou vindo ajudar a manter o conhecimento dos ancestrais", ou "estou vindo para fazer tal e tal". Com base nessa informação, os anciãos preparam um espaço de ritual apropriado para receber a criança e têm tudo pronto antes dela nascer.

Depois do nascimento, os anciãos cercam a criança com as coisas que a ajudarão a lembrar e cumprir o propósito que descreveu. Quando ela chega à adolescência e passa pela iniciação, deve voltar ao tempo anterior a seu nascimento e lembrar o que disse. Isso é necessário porque crescer é um processo de esquecimento. Este corpo, como dizem os anciãos, tira certas coisas de nós quando crescemos. Até os cinco ou seis anos, as crianças lembram-se de tudo perfeitamente, mas, depois disso, algo começa a acontecer no corpo, que as faz esquecer.



No ritual de audiência, o bebê pode escolher uma pedra e descrevê-la. Os anciãos partem para localizar a pedra, por seu movimento ou comportamento. Essa pedra, basicamente, contém toda a informação sobre a pessoa. É por essa pedra, sentada na sala de cura de minha aldeia, que os anciãos podem monitorar o que está acontecendo comigo neste momento.



Quando nos unimos a outra pessoa, criamos um alicerce que nos permite cumprir o propósito de vida com o qual nascemos. Nosso parceiro, se bem escolhido, terá nascido com um propósito nas mesmas linhas. Se houver conflito entre o nosso propósito e o de nosso parceiro, isso será sentido tanto no âmbito pessoal como no âmbito comunal; sentimos em nossa vida íntima. Digamos, por exemplo, que um seja guardião da paz e o outro, fonte de uma guerra nuclear. O propósito de vida os leva a caminhos completamente diferentes. Eles não têm nada em comum; não têm base para manter uma conexão íntima.



Cada um de nós nasce em um dos cinco grupos elementares da garga. Esse elemento dá forma a nosso propósito de vida, e pode influenciar a seleção de um parceiro. O elemento da pessoa é determinado pelo ano em que nasce: há anos natureza, anos água, fogo, mineral e terra. Antes de nascerem, as pessoas escolhem vir em certo ano, para satisfazer o propósito de sua vida. Meu elemento é a natureza.

Se o seu ano de nascimento terminar com zero ou cinco – ou seja, se você tiver nascido, por exemplo, em 1950 ou 1965 –, você é uma pessoa terra; se terminar em um ou seis, você é um bebê água; dois ou sete, fogo; três

ou oito, natureza; quatro ou nove, mineral. Embora a pessoa comece com um determinado elemento, ela tem de conter os cinco elementos, para poder funcionar. Fica evidente quando a pessoa está desfalcada de algum elemento.

Esses números podem parecer arbitrários, mas não foram determinados ao acaso. Têm suas raízes em uma profunda compreensão do universo. Cada número leva uma energia, que nos afeta, independentemente de nossa criação.



Sempre gosto de saber sobre o nascimento e a forma com que a pessoa foi recebida quando bebê, para ver se tem influência no tipo de relacionamento que essa pessoa acaba por ter.

O nascimento é a chegada de uma pessoa de outro lugar. A pessoa que está chegando deve ser saudada, deve sentir que chegou em um lugar onde há seres humanos que receberão suas dádivas.

A ausência de uma comunidade para receber um recém-nascido pode, inadvertidamente, apagar algo na psique. Essa perda, mais tarde, será sentida como um enorme vazio. Embora essa pessoa sinta uma forte necessidade de se conectar com outros, poderá ter dificuldades em buscar apoio da comunidade, temendo a rejeição. O que

essa pessoa buscará, quando entrar em um relacionamento íntimo, senão preencher aquele vazio?

Quando ela perceber que seu parceiro, por si só, não vai conseguir preencher esse vazio, um problema será criado. Embora a pessoa entre em um relacionamento para satisfazer sua necessidade de comunidade, não consegue fazê-lo desse modo. É preciso toda uma comunidade para fazer isso. Uma única pessoa não pode satisfazer todas as suas necessidades, nem compensar a falta de comunidade experimentada desde o nascimento.



É normal e até necessário que a chegada de um recém-nascido traga uma mudança no relacionamento dos pais. Como mães, temos de construir um relacionamento íntimo com o bebê enquanto ainda está no útero, e continuar a alimentar essa relação após o nascimento. Também o pai deve desenvolver um relacionamento com a criança. Se ambos os pais não estiverem intimamente ligados à criança e, além disso, não mantiverem sua relação saudável, alguém vai acabar se sentido excluído.

Depois da chegada da criança, ou, até mesmo, antes de seu nascimento, um ritual deve ser feito, envolvendo o espírito e a comunidade, saudando a criança na família, aceitando o novo espírito que chegou e afirmando o compromisso dos pais entre si e com a criança.

Iniciação: aprendizado

Em nossa aldeia, as crianças aprendem sobre intimidade e ritual desde o nascimento. Quando amadurecem, torna-se crucial desenvolverem uma compreensão profunda dessas questões. Na iniciação, os anciãos orientam os jovens sobre intimidade, sexualidade e ritual, para que saibam o que lhes espera. Assim, evitamos que se firam quando adentram o território desconhecido da maturidade.



Iniciação das mulheres ocorre depois de seu primeiro ciclo menstrual. É feita uma vez por ano, entre dezembro e fevereiro. Assim, se o seu primeiro período for em março, você terá de esperar até a próxima iniciação. No caso dos homens, a iniciação é feita na puberdade, quando começam a querer ser adultos, quando os hormônios começam a aparecer.



Durante a iniciação, você aprende muitas coisas; sexo e intimidade são apenas parte dos ensinamentos. Mesmo após a iniciação, há um longo período de acompanhamento

por um tutor. Quando você sente que há algo que não está entendendo, sempre pode procurar um ancião.

Intimidade é algo sagrado, e não se deve brincar com isso. Existe um grande perigo na intimidade. Quando você mergulha nela de olhos fechados, pode facilmente ferir-se. É por isso que os mentores são tão importantes: para que a pessoa evite agir com base em conhecimento ilusório.



Na iniciação, uma lição importante é aprender a construir uma conexão íntima com o espírito, o ser e os outros. Os ocidentais, em geral, perguntam: “como se constrói um relacionamento consigo mesmo, com o outro ou com o espírito?”

No meu caso, tive de abandonar minhas defesas e qualquer necessidade de controle. Tive de confiar totalmente na orientação do espírito. Mas muitas coisas são mais fáceis de dizer do que de fazer, especialmente quando estamos ansiosos. Lembro-me de muitas vezes em que estava tão frustrada que cuspia e gritava com o espírito. Mas isso é esperado; faz parte do processo de aprendizado.



Eu gostava sobretudo da honestidade e do diálogo franco entre os jovens e os adultos – uma característica

apresentada particularmente pelos anciãos. Eles não escondiam nada de nós. Contavam-nos suas experiências, os tipos de dificuldades que encontraram em sua vida íntima e como conseguiram ultrapassá-las.



Na iniciação, estudamos a conexão das mulheres com seus ciclos e com a Lua. Essa discussão abriu algo de infinito em mim.

Muitos dos países civilizados do mundo, inclusive alguns países africanos, olham para a menstruação com certo desconforto. Não compreendem o quão valioso é para uma mulher ter seu ciclo. O fluxo de sangue menstrual, porém, carrega poder. É uma época poderosa para a mulher. Ela carrega energia curadora e tem uma tremenda habilidade de curar e ver as coisas. Na minha aldeia, as pessoas procuram a ajuda das mulheres nessa época e as tratam com grande respeito.



As mulheres fazem rituais para a que está menstruando. É preciso que alguém contenha o espaço para a mulher em seu ciclo, já que pode estar canalizando energias de fontes diferentes. Esses rituais tomam a forma que a mulher que está menstruando escolhe. Ela pode dizer:

“quero ser carregada até tal local na aldeia, e que as pessoas cantem e dançam e me balancem”. Não há restrições. Tanto os homens quanto as mulheres podem participar desses rituais. No entanto, freqüentemente, eles envolvem apenas mulheres. A mulher que estiver menstruando pode pedir aos outros que façam o que ela quiser.



Durante a menstruação, a mulher pode tomar parte na sexualidade sagrada, dependendo do tipo de energia que houver entre os parceiros. O homem deve esforçar-se para aumentar sua energia, para equipará-la à da mulher. Caso contrário, ele poderá sofrer com tal encontro. Poderá sair fragilizado.

Um ancião observou que o risco é parecido com o de uma pessoa com raiva dividir um espaço íntimo, antes de trabalhar a sua raiva. Tal raiva será transferida para o parceiro e depois voltará para a própria pessoa que estava com raiva..

Isso faz sentido para mim. Compreendi porque os anciãos insistem na necessidade de limpar o espaço ritual antes de qualquer ato íntimo. As pessoas que pensam que, nesse contexto, podem adquirir o poder de um parceiro, sem estar estabelecidas em seu próprio poder, estão se enganando.



Durante nossa iniciação, observamos a recorrência do número quatro, em diferentes situações. Tendo perguntado a razão disso aos anciãos, eles disseram que o quatro era o símbolo da mulher. Um ancião deu uma explicação muito complicada, depois acrescentou que as mulheres têm quatro lábios.

Senti como se alguém tivesse acabado de me acordar. Compreendi porque, no dia da minha primeira menstruação, recebi um banquinho de quatro pernas. Na época, alguém me explicou o sentido daquele presente, e que nenhum homem poderia sentar-se nele sem a minha permissão. Porém, naquele momento, a alegria de me tornar mulher afetou minha capacidade de ouvir.

Exploramos na iniciação as dimensões misteriosas da mulher. Falamos sobre o que os ocidentais chamariam de nossas “partes privadas” e compartilhamos nossos pensamentos e sentimentos mais profundos. Aprendemos sobre o círculo de cinzas da intimidade e como manter esse espaço sagrado.

No final da sessão, senti como se tivesse comido algo tão nutritivo que levaria a vida inteira para digeri-lo.



Depois da iniciação, tive de enfrentar meu propósito de vida, escolhido e declarado antes de eu vir a este mundo. Relutei em fazer certas coisas e compreendi que

o fato de prometer fazer alguma coisa antes de nascer não significa, necessariamente, ter a coragem ou a disposição para fazê-lo. Particularmente a idéia de deixar a aldeia não me agradava. Eu queria que alguém eliminasse aquela parte do meu propósito.

Até aquele ponto, eu tinha sido bastante feliz em minha vida na aldeia. Esperava que as sessões com os mentores, depois da iniciação, ajudassem-me a sair desse dilema. Fiquei desapontada porque ninguém me disse: “você não precisa fazê-lo”. Compreendi que, para seguir o propósito da vida, há dificuldades envolvidas.



Depois da iniciação, os anciãos começam a procurar pela pessoa com quem você vai se casar. Enquanto você está sendo orientado pelos mentores – em alguma época entre dezesseis e vinte anos –, ocorrem os casamentos.

Casamento: dois mundos unidos

O casamento é uma forma de aprofundar o chamado do espírito. Reúne duas almas, dois propósitos, dois mundos e permite que expressem suas dádivas em benefício da comunidade.



Casamento é uma forma de o espírito dar seu apoio a duas pessoas, para que alcancem uma energia maior. Ele une duas ou mais linhas de ancestrais, duas culturas e muitas formas diferentes de ver o mundo.



Casamento é duas almas se tornando uma – almas ainda distintas, formando uma entidade. É uma forma de unir os dons de duas pessoas, para fortalecê-los e torná-los ainda melhores. O casamento é uma forma de reconhecer que duas pessoas estão embarcando em algo maior do que elas mesmas e maior que a tribo.



O casamento é uma comunhão com todos os espíritos aliados. É uma comunhão com os dons das pessoas. É uma

comunhão das coisas que estão no fundo da alma.



Para os casados, o casamento é uma oportunidade de renovação de seus votos. É uma forma de a família se reunir, uma forma de as tribos se aliarem e uma oportunidade para celebrar o chamado que duas almas ou dois espíritos ouviram e responderam.



Quando formamos um casal, unimos dois mundos. Para abrir nosso mundo para outra pessoa, precisamos passar pelo espírito. Ignorar o espírito e fazer de nosso casamento algo privado, apenas entre dois indivíduos, trará muitos desapontamentos.



Na África, acreditamos que cada um de nós vem para este mundo com um propósito. Eventualmente, esse propósito determina com quem nos relacionamos. Certos propósitos são similares. Outros são muito parecidos. Dentre estes, procuramos a possibilidade de um relacionamento.

Selecionar parceiros é tarefa dos anciãos, que, como conhecem todas as pessoas na aldeia e o propósito de

cada uma delas, são os mais bem equipados para compreender quem pode combinar com quem na comunidade. Essa tarefa requer grande confiança e põe muita responsabilidade sobre os ombros dos anciãos. Se um casamento não funciona, eles têm de encontrar uma forma de corrigi-lo por meio de rituais.

Quando fazem arranjos para os casamentos dos jovens iniciados, os anciãos levam diversos fatores em consideração. Os casamentos não são arranjados ao acaso. Se, por exemplo, unirem duas pessoas cujos propósitos se chocam, elas poderão se matar. Os anciãos têm de analisar se a energia dos dois é compatível, se eles têm possibilidade de conviver em harmonia, se o propósito de vida de um está alinhado com o do outro.

Além disso, os anciãos precisam fazer previsões, para terem certeza da viabilidade da proposta de união. Eles apresentam o assunto ao espírito e fazem um ritual para confirmar e selar a aprovação do espírito. Depois disso, informam as aldeias e os indivíduos envolvidos no processo – a noiva e o noivo.



Eu havia acabado de completar o ciclo de iniciação, com dezesseis anos de idade, quando fui chamada ao círculo dos anciãos. Fiquei bastante surpresa. A pessoa nunca sabe a razão que leva os anciãos a chamarem-na

ao seu círculo, mas uma coisa é certa: há sempre algo cozinhando em seu caldeirão.

De qualquer forma, quando cheguei lá, eles disseram: “bem, temos esse filho que mora no Ocidente e precisamos de alguém que possa lhe fazer companhia”. Minha resposta foi: “e o que tem isso a ver comigo?” Eles disseram: “você é o tipo de pessoa que poderia se dar bem com ele. Gostaríamos que você se casasse com ele”. Eu perguntei se não havia nenhuma outra pessoa na aldeia que pudesse se dar bem com ele.

Minha ambivalência sobre deixar a aldeia levou-me a um estado de confusão, que, por sua vez, confundiu os anciãos, os quais não sabiam o que me dizer. A única coisa que disseram foi: “o propósito de sua vida, Sobonfu, está nas mesmas linhas do dele. Não estamos tentando forçá-la a se casar com ninguém, porque sabemos que ficar longe de casa é muito difícil. Se ele morasse aqui perto, nem a teríamos chamado. Não teríamos tido essa reunião nem lhe oferecido a possibilidade de escolha. Você simplesmente teria sido notificada”.

Eu perguntei como poderia viver longe dali e sobreviver sem minha família e sem todo mundo. Eles responderam: “você será cuidada. Só o que precisa fazer é nos dizer sim, e tudo estará bem”. Eu disse que não poderia dar uma resposta naquele instante, porque não sabia com o que estava lidando. Eles disseram que eu teria algum tempo para pensar no assunto. Depois, eu deveria ir até eles e dar a minha resposta.

Pensei a respeito daquilo por três meses. Primeiro, procurei por meus pais e perguntei o que eles achavam que eu devia fazer. Eles disseram: “você não pode nos perguntar. Estamos ligados demais a essa questão para poder lhe dar bons conselhos”. Minha avó tinha acabado de morrer e ela havia sido a minha principal conselheira. Depois de um mês, procurei minhas outras avós. Elas também responderam que estavam ligadas demais à questão, para poder me aconselhar.

Então, passei algum tempo ao lado do túmulo da minha avó. Certa noite, enquanto estava sentada ali, as seguintes palavras vieram para mim: “não se preocupe. Simplesmente diga sim e verá que tudo ficará bem”. Assim, no dia seguinte acordei, fui até os anciãos e disse que concordava.

Eles ficaram bastante aliviados e disseram que iriam começar os preparativos, e o casamento iria se realizar em breve. Eu não conhecia meu futuro marido, Malidoma, mas conhecia sua família. Ele era a única pessoa da família que eu não conhecia.

O casamento se realizou quando eu tinha vinte anos, e, como na aldeia não há necessidade da presença dos noivos no casamento, Malidoma não estava presente. Ele foi notificado por correio, posteriormente.

Malidoma tinha sido enviado ao Ocidente pelos anciãos, para ensinar sua sabedoria e para tornar-se, como diz seu nome, “amigo dos estranhos”. Ele tinha estudado na Universidade de Uagadugu, em Burkina Fasso, e na

Sorbonne, na França. Depois, foi parar nos Estados Unidos. Na época de nosso casamento, ele estava na Universidade Brandeis, em Massachusetts.

Malidoma economizou dinheiro suficiente para comprar a passagem para a viagem e, um ano depois, veio para casa e nos conhecemos. Fomos apresentados já como casal. Não nos conhecíamos e nos perguntávamos como íamos fazer a coisa acontecer. No entanto, uma das coisas que aprendi na iniciação com os anciãos foi como criar um espaço sagrado e construir uma relação íntima nesse espaço. Quando Malidoma e eu começamos a passar o tempo juntos, trabalhamos nessa questão.

Na aldeia, as mulheres e os homens não dormem juntos. Apesar de dividirem a mesma casa, as mulheres dormem num setor, e os homens, no outro. Isso porque, para trazer a força deles à comunidade, eles precisam reconhecer a força de ambos os sexos. Precisam fazer brotar o melhor de cada um, de forma que, quando uma mulher vai ao encontro de um homem, não haja desequilíbrio.

A primeira coisa que as pessoas querem saber quando falo nisso é como um casal consegue ficar junto. Respondo que, desde que mantenham sua criatividade e imaginação, as pessoas sempre encontram uma forma.

Na época em que Malidoma veio para casa, eu dormia com sua mãe. Sua mãe e eu dividíamos a mesma cama. Você pode imaginar como era frustrante, para uma mente ocidental, a ideia de ser casado com uma mulher que dorme com sua mãe? Mas, para mim, o que era mais

difícil era estar em um espaço sagrado com Malidoma, alguém que eu não conhecia. Era estranho. Então, entreguei a questão aos espíritos, para que a resolvessem. Só o que precisava fazer, toda vez que me sentia frustrada, era criar um espaço sagrado.

Na aldeia, criamos um espaço sagrado pela simples formação de um círculo de cinzas. Depois, colocamos um pote de barro cheio de água no meio do círculo. Quem começa o ritual senta e espera pela outra pessoa. Quando esta chega, a primeira faz uma invocação. Quando invoca o espírito, automaticamente algo se destranca por dentro.

Malidoma e eu éramos estranhos, mas cada vez que nos encontrávamos naquele espaço, era como se sempre tivéssemos nos conhecido.



Em um contexto tribal, como não é o romance que orienta o casamento, os parceiros conhecem a verdadeira identidade um do outro. Você conhece as forças e as fraquezas da pessoa com quem se casará. Dessa forma, não se pergunta, dez anos depois, se se casou com a pessoa certa ou com seu fantasma.



As pessoas acham que, quando dizem sim uma vez, significa sim para sempre. Mas para o mundo tribal, não.

Por isso, renovamos os votos constantemente, seja uma vez por ano ou quando outra pessoa se casa.

Se um casal renova seus votos ao menos uma vez por ano, se é capaz de fazer rituais regulares para fortalecer sua conexão com o espírito e aceitar o espírito um do outro, seu casamento nunca enfraquecerá.



Na comunidade Dagara, o casamento não é um assunto privado. Não representa apenas dois indivíduos se unindo. De fato, quando um casal se casa, é uma ocasião para outras pessoas renovarem seus votos e casarem-se novamente, ao mesmo tempo. Compartilhar o casamento é uma forma de cooptar o apoio das pessoas, quando começam a aparecer os problemas.

No Ocidente, apesar de todo mundo gostar de freqüentar casamentos, quando você liga para alguém e diz que está com problemas, ninguém quer aparecer. Mas, no tipo de comunidade que estou falando, quando as pessoas compartilham dos votos de casamento de um casal, sempre estarão envolvidas nas coisas que sucedem com elas. Quando chegam os problemas, serão as primeiras a aparecer.



O casamento representa a união de duas ou mais tribos,

duas aldeias ou, ao menos, duas famílias. Nesta grande escala, as duas pessoas que, de fato, estão se casando são um incidente menor. Assim sendo, sinto que as duas pessoas que se unem não o fazem somente para afirmar seu desejo de manter a tradição, mas também porque precisam desse relacionamento como um símbolo – uma parte de um sentido muito maior de conexão em sua vida.

Deixe-me explicar de outra forma. Eu me apaixonei por meu marido depois que nos casamos. Nesse processo, foi importante a compreensão de que ele se casou não somente com alguém chamado Sobonfu, mas com todo um grupo étnico, toda uma família e uma aldeia. E que, no meio disso tudo, eu era importante. Mas minha importância estava no sentido maior da comunidade que o trouxe a mim. Essa compreensão, por seu turno, me fez ver que eu não podia personalizar meu relacionamento com ele. Não é uma relação “minha”, mas “nossa”, e o “nós”, aqui, não se limita a duas pessoas, mas se estende a toda a aldeia.



Ao expressar seu compromisso com o casamento, o casal expressa um compromisso com o espírito, um compromisso com o ser, com a outra pessoa e com a comunidade em geral. A comunidade, por estar presente e compartilhar de seus votos, está fazendo o mesmo. Portanto, é mútuo.

Um casamento é uma oportunidade – quase uma obrigação – para todos reafirmarem seus relacionamentos uns com os outros, com os ancestrais, com tudo à sua volta. Portanto, o casamento não é só um assunto entre duas pessoas, mas um evento com um propósito para todos na aldeia.



Antes de um casamento, as pessoas que passaram pela iniciação com a noiva e o noivo dão ao casal sua bênção e encorajamento. Os anciãos também vêm dar sua bênção. Eles dizem que viajaram pela mesma estrada, que não foi totalmente plana, que existem obstáculos, mas que é assim mesmo. Ouvir dos anciãos que a estrada da intimidade não é pavimentada com pérolas e ouro e que se tem de trabalhar constantemente nela, ajuda a remover expectativas pouco realistas sobre o casamento.



Em nossa cultura, para que um casal se case, é necessário desenvolver uma série de rituais. Por exemplo, depois da aprovação da união pelos espíritos, há o ritual de transferência-das-almas. Outro ritual une as duas almas. Um terceiro ritual une os propósitos das duas pessoas, porque, quando há um casamento, haverá um propósito compartilhado.

Assim, por mais difícil que seja imaginar um casamento sem um dos noivos, a coisa funciona, porque o processo é todo baseado em espírito e ritual. Se houver um objeto para representar a pessoa ausente, algo que seja dela, então seu espírito poderá ser incluído no ritual. De fato, estará presente.

Depois da longa celebração de casamento, há um ritual de boas-vindas, que funciona como uma ponte para incorporar a noiva na família do noivo. Assim, em geral, o marido não vai logo morar com sua esposa – não há lua-de-mel. Alguns dos membros da família da noiva ficam com ela para ajudá-la a integrar-se na nova casa. E as mulheres da nova família passam algum tempo com ela e a recebem no novo círculo, em que, de agora em diante, será cuidada e receberá todo o apoio que precisar.



Na África, há troca de presentes antes do casamento. Esse aspecto da cultura africana é normalmente mal-compreendido no Ocidente. Muitas pessoas vêem isso como uma venda da noiva. A prática pode ter se tornado isso, em várias partes do continente, sob a influência do Ocidente e da modernidade, em lugares onde as pessoas estão desesperadas por bens materiais e perderam sua conexão com o espírito e o ritual. Os ancestrais faziam algo que as pessoas não compreendem mais. Algumas

peessoas tentam tirar vantagem disso, da forma que puderem.

Mas, na prática dagara, não se pode tirar vantagem assim. Usar o dote de um membro da família em benefício próprio traz morte à família. Algumas pessoas tentaram fazer isso e aprenderam a lição da maneira difícil, antes de morrer. Minha última visita à aldeia foi afetada pela morte de um rapaz que tentara vender a vaca que foi dada no ritual de transferência-de-alma de sua irmã. Quando ele descobriu que foi pego pelos ancestrais, chamou todo mundo para confessar o que tinha feito, em uma tentativa de se redimir. No entanto, era tarde demais. Ele disse que toda vez que olhava em volta, via seu fantasma acenando.

Ninguém poderia ter imaginado que um rapaz tão adorado poderia ter sido tentado dessa forma. Não que desconhecesse o perigo, mas a tentação de uma viagem à cidade na Costa do Marfim simplesmente nublou sua capacidade de discernir suas responsabilidades.



Quando uma mulher se casa, apesar de manter o nome de sua família e o transmitir para seus filhos, ela passa para a família de seu marido. Ou seja, somos matrilineares e patrilocais.

Para que a noiva deixe sua casa, sua alma tem de ser transferida de sua família para a de seu marido. Isso é

feito com o sacrifício de uma vaca. O animal é dado pela família do marido para a família da esposa. Sem esse ritual de transferência-de-alma, em geral a mulher encontra dificuldades em ficar com sua nova família. Seu espírito vai querer voltar ao local em que se sente em casa.

Quando a família da esposa recebe a vaca, ela é abatida e deixada no telhado da casa, como oferenda ao espírito. Ali ela deve ficar por ao menos uma noite, para que o espírito venha alimentar-se. Ninguém poderá comer, até que o espírito esteja satisfeito. O espírito vem e inspeciona a oferenda. Ele decide, então, se o ritual foi satisfatório. Se não ficar satisfeito, no dia seguinte a carne estará estragada – isso significa que o sacrifício não foi feito da forma correta. Se, no dia seguinte, a carne estiver boa, é porque está tudo bem, que o espírito banqueteceu-se e todo mundo poderá comer. A carne é, primeiro, dividida entre as pessoas da família da esposa. Depois, parte dela é levada à família do marido. É sua responsabilidade dividir com o resto da aldeia.

Depois que alma foi transferida de uma casa para outra, há outro ritual que deve ser feito, para unir as duas almas. Todos os membros da família reúnem-se. Há uma invocação, chamando os espíritos para virem supervisionar a união. Se houver algum obstáculo, pede-se aos espíritos que limpem o caminho para o casal. Pede-se sua bênção e mais um olho para o casal enxergar, para ajudá-lo em sua vida diária. Um pote, feito para a ocasião, é trazido. As pedras de nascimento da noiva e

do noivo são colocadas lá dentro. São as mesmas pedras que foram escolhidas por eles durante os rituais de audiência, antes do nascimento. Além disso, potes contendo o remédio de cada um são abençoados.

Então, todos os presentes oferecem uma prece ao casal. Depois disso, coloca-se água no pote com as pedras. Algumas vezes, são adicionadas sementes ou raízes. O pote, então, é levado para o altar da família do marido. Ali ficará para o resto da vida do casal.

Na minha aldeia, as pedras do meu casamento com Malidoma estão no quarto de cura. Quando um de nós morrer, um ritual de separação permitirá que as pedras sejam retiradas, e a pedra daquele que morreu será colocada dentro ou sobre seu túmulo.

Esses são alguns rituais associados ao casamento em nossa cultura. Existem muitos outros.



Quando as pessoas dizem que se casam para ter filhos, é uma declaração muito limitada. Não leva em conta que os dois espíritos têm seus próprios propósitos superiores. Se um casal se casa somente para ter filhos, arrisca-se a não cumprir seus próprios propósitos e esse fracasso é transferido à criança.

O que quero dizer é que, se duas pessoas casadas não admitem que têm um propósito mais elevado a cumprir

e limitam seu casamento apenas a ter filhos, elas deixam seu propósito dormente. Quando as crianças chegam, os pais compreendem que existe algo que não conseguiram realizar e esperam que seus filhos o realizem por eles.

Isso deixa todas as expectativas dos pais sobre a criança e não lhe dá a oportunidade de tomar seu próprio propósito em suas mãos. Pais que pensam que seu único propósito é ter filhos, depois que as crianças saem de casa, muitas vezes, têm dificuldades em continuar juntos.



Na nossa aldeia, a poligamia é permitida. Não é vista como adultério, porque não é escondida e é adotada somente com a aprovação da esposa. Cabe a ela decidir se quer outra mulher na casa.

Uma segunda esposa entra na família como em qualquer outro casamento. Muitas mulheres escolhem isso para trazer mais energia feminina para a casa e torná-la mais alegre. Minha tia escolheu ter várias outras mulheres com ela. Isso não é considerado como perversão. É uma atitude que a mulher toma quando se sente alegre em seu relacionamento e quer trazer outras mulheres para dividir essa alegria com ela.

Algumas vezes o homem não quer múltiplas esposas, quando sabe que não será capaz de sustentar a intimidade com mais de uma mulher.



Para manter um casamento saudável, a coisa mais importante é honrar a relação. Vê-la como algo guiado pelo espírito.

O segundo passo é reconhecer a alma do outro, reconhecê-lo não apenas como ser humano, mas como espírito que escolheu um corpo para habitar. E, por meio de rituais, unir essas almas.

Talvez os casais no Ocidente pudessem usar em seus rituais objetos significativos que têm desde a infância, que se tornaram sagrados para eles; e com a presença dos parentes ou de amigos, unir todos esses objetos sagrados em um pote ou cesta e, depois, mantê-lo em um espaço reservado da casa, como um altar. Poderia ser mantido em um quarto de dormir ou em algum lugar da casa onde ambos têm acesso.

As pessoas poderiam usar esse local especial para tirar forças, especialmente quando as coisas ficam difíceis. Elas poderiam sempre voltar a essa fonte, estar em contato com um tempo anterior aos problemas, e realmente tirar energia disso.



Intimidade: dentro do círculo de cinzas

Quando as pessoas reconhecem que são espíritos encarnados e que as outras pessoas também são espíritos, elas começam a compreender que o corpo humano é sagrado. A sexualidade passa a ser bem mais que um meio de se obter prazer, mas um ato sagrado. Elas vêem as outras pessoas de forma diferente, o corpo deixa de ser uma fonte de atração física e passa a ser um templo.



Talvez a forma de começar a caminhar na direção de uma vida íntima saudável seja reconhecer o divino em tudo. Quando entendemos que a terra na qual caminhamos não é apenas sujeira, que as árvores e os animais não são apenas fontes para nosso consumo, então podemos começar a nos aceitar como espíritos, vibrando em uníssono com todos os outros espíritos à nossa volta. Nossa conexão com todos esses espíritos viventes ajuda a determinar o tipo de vida íntima que teremos.



O povo Dagara acredita que, quando duas pessoas compartilham uma vida íntima equilibrada e espiritual,

elas têm o poder de aumentar a energia curadora de tudo à sua volta. Por essa razão, o casal, às vezes, dedica sua intimidade sagrada a algum propósito maior, além do bem-estar de seu próprio relacionamento.



A intimidade de um casal não é a busca pelo prazer. É a busca por um tipo de poder que somente o espírito pode dar, em um contexto sagrado. Não vai ser encontrado em uma via pública ou no meio da aldeia; estará no círculo de cinzas, em um lugar que se tornou um templo, um altar, um espaço sagrado. Ao criar tal espaço, abrimo-nos para outros espíritos e nos permitimos estar completamente abertos uns para os outros. Permitimo-nos ser verdadeiros e estar totalmente presentes.



O casal só se encontra em um espaço sagrado depois que admite não saber o que está fazendo. Ele adota essa atitude para permitir que o espírito venha ser seu mestre.



Se você buscar apenas o prazer, a intimidade será curta. Rapidamente, você estará terminado. Se você conseguir ver a intimidade como algo guiado pelo espírito

e ir além da limitação do prazer, ela poderá ter um efeito duradouro. Poderá trazer vitalidade e cura.



Não esperamos os hormônios dominarem o corpo para pegar as cinzas, fazer o círculo correndo e pular lá dentro. "Pegue a água, rápido!" Não. Precisamos dar tempo para dissipar a energia negativa, honrar o espírito de cada um e aceitar um ao outro. Quando você usa as cinzas, elas protegem o ritual contra energias negativas, mas você e seu parceiro também precisam dissipar qualquer energia negativa que possam ter trazido para o círculo. Pensamentos negativos são um veneno poderoso. Eles ficam pairando e, quando vibramos em sua sintonia, entram em nós e nos dominam.

Assim, o que acontece é que a atração física fica intimida no círculo de cinzas. Algo se passa quando você usa cinzas e anuncia ao espírito seu propósito, a partir do coração. A intimidade deixa de ser levada pelo impulso sexual e passa a ser canalizada pelos espíritos. A atração que você poderia estar sentindo torna-se outra coisa.

Subitamente, a pessoa compreende que está envolvida em uma situação muito maior que ela mesma. Não é uma interação entre duas pessoas. Talvez haja vários espíritos mostrando o caminho, que primeiro precisam ser convocados oficialmente. Esse convite deve ser expresso em termos de nossa incapacidade de fazer qualquer ato

sagrado sozinhos e nossa necessidade de autorização.

O povo Dagara não tem uma palavra específica para se referir ao sexo. Expressamos o conceito de sexo como uma viagem com alguém. A pessoa não quer fazer sexo com outra; ela quer ir a algum lugar. Normalmente esse lugar é desconhecido para os dois. Conhecem, porém, alguém que o conhece – seja o espírito do avô, seus ancestrais, seu cão, seu gato, ou algum espírito que encontraram no curso de sua vida.

Os espíritos convocados tornam-se os cavalos que os levarão nessa viagem. Levá-los-ão a um local determinado, para que tenham o aprendizado ou a visão que sempre vêm no contexto da intimidade.

Em uma situação íntima genuína, o horizonte visual e espiritual aumenta. Não há uma sensação de confinamento. Ocorre, até mesmo, um adiamento de qualquer coisa prazerosa. É a evaporação total do olhar consciente, um pulo para um espaço coletivo muito dinâmico. De alguma forma, o relacionamento íntimo torna-se um símbolo da relação entre a comunidade tribal e seus ancestrais e entre você e as comunidades tribais às quais pertence.



Qualquer tentativa de entrar nesse espaço por um convite estético – apresentado por alguém com uma aparência agradável, por exemplo – é, de fato, um perigo.

A maior parte das pessoas cai na ilusão estética por causa de sua falta de base espiritual. Quando você se envolve com isso, é como comer sorvete com veneno. Quando você come a primeira colherada, é gostoso. A segunda, mais ou menos. Depois você se esquece, e a próxima colherada é fatal.

É por isso que as crianças, desde o começo, são sempre advertidas sobre o perigo de pular nesse tipo de espaço ritual, sem orientação prévia. As crianças aprendem a olhar para esse tipo de viagem com muito cuidado, porque há o perigo de não conseguirem voltar do lugar aonde forem levadas. Quando os adolescentes estão prontos para a iniciação, sabemos que seus hormônios estão começando a puxá-las para um local desconhecido. A iniciação é uma reversão desse processo, no curso da qual o espaço ritual é revelado. É uma época na qual aprendem a usar sua energia sexual para um propósito mais elevado e a direcioná-la para o espírito e para a cura.



Em um espaço sagrado, qualquer sentimento ruim que a pessoa tiver em relação ao seu parceiro deve ser resolvido. Deve-se também abandonar o desejo de domínio. Quanto mais a pessoa tentar controlar a situação, mais dano fará ao parceiro. Ele começará a se sentir distante e o relacionamento tornar-se-á uma rua de mão única.



Quando o casal amadurece, a fusão de sua alma eventualmente dá luz a um novo espírito. O nascimento desse espírito vem como resultado direto do casal assumindo plenamente sua intimidade. Pode suceder de um ou outro interessar-se sexualmente por uma terceira pessoa. Esse interesse é considerado extremamente perigoso.

Por causa do tipo de ritual de ligação que eu e meu marido fizemos, se eu saísse, tivesse um caso, e voltasse para casa, e voltasse a encontrá-lo em espaço íntimo, ele não sobreviveria. Morreria também se eu lhe desse algo e ele o colocasse em seu corpo.

Quando um casal está ligado em um nível profundo e espiritual, sua energia se parece com a de uma pessoa. Então, quando uma pessoa é infiel, a pureza do ancestral é manchada, uma energia estranha é trazida para a relação que prejudica o outro. A ferida é tão profunda quanto a profundidade de sua intimidade, e pode ser fatal. É por isso que as pessoas que se separam sofrem tanto.



Em muitas aldeias na África, a intrusão do mundo moderno, enviando jovens casados para a cidade, enquanto esposa e filhos ficam em casa, causou uma série de maus

eventos. Os que partiram para a cidade envolveram-se em outros relacionamentos. Quando voltaram para casa, não se importaram mais com o assunto, uma vez que o outro relacionamento havia ocorrido distante da aldeia. Eles se esqueceram do espírito das esposas e acharam que podiam se safar. Antes que fosse possível fazer qualquer coisa, alguém já tinha morrido. A mesma coisa se dá no Ocidente, quando a dor do adultério mata ou parte o coração de entes queridos.



Sexualidade é tão complicada no Ocidente! Quando os ocidentais vêm para a aldeia, vêem homens e mulheres se relacionando de forma muito diferente. Se vissem uma mulher andando com os seios à mostra no centro da cidade de São Francisco, eles iriam parar e se perguntar se era um convite aberto ao sexo e coisas assim. Mas, na aldeia, as mulheres sempre andam sem camisa. É absolutamente normal. Ninguém vai dizer: “essa mulher está louca!”, ou pular em cima dela, por ser tão atraente.



É difícil para os ocidentais compreenderem uma visão diferente da sexualidade, porque a questão não é abordada ou conversada com franqueza no Ocidente. É um assunto

sensível. É por isso que se tem tanta infidelidade – é por ser tão misteriosa. Ninguém conta como é, de fato, a infidelidade. Assim, todo mundo fica imaginando e quer experimentar para ver.



Em uma cultura em que a sexualidade não é vista como sagrada, aceitar completamente a sexualidade é ir contra a corrente. A vergonha, a insegurança, a baixa auto-estima sempre ficam espreitando, prontas para bater à porta da psique. Muitas pessoas acham a questão tão assustadora que passam a vida negando sua sexualidade.



A vergonha é tão grande na cultura ocidental que oprime a todos. O ritual pode nos ajudar a vencer os bloqueios sexuais, pela aceitação de nós mesmos e de nossos espíritos.



Ensinar as crianças sobre a intimidade, estimulá-las a aceitar esta última, em vez de esconder tal assunto delas, diminuiria grande parte da vergonha e da confusão que o Ocidente está vivenciando. A vergonha nasce simplesmente porque os adultos não dizem aos seus filhos

a verdade sobre a sexualidade. Quando seus filhos descobrem esse “fruto proibido”, são punidas. É necessário ensinar às crianças, antes que cheguem à idade de lidar com essas coisas, que a intimidade tem a ver com o espírito, e não se trata apenas de um caso de uma noite.



Antes de vir aos Estados Unidos, eu achava que todo mundo sabia dançar. Quando as pessoas me pediram para ensinar passos de dança, fiquei surpresa. De qualquer forma, pediram-me para ensinar alguns adolescentes como dançar. Quando os instruí a mover seus quadris de um certo jeito, eles resistiram. Acharam que era “sujo”. Do ponto de vista africano, não havia nada de errado naquilo. É uma forma de mover energia sexual, de incorporar a própria sexualidade e também de desbloquear energias sexuais reprimidas. Mais tarde, descobri que mexer os quadris era considerado muito provocativo neste país, e que uma pessoa que fazia esse tipo de coisa deveria ter vergonha.



Na aldeia, qualquer demonstração pública de intimidade significa um vazamento de poder e, portanto, deixa o casal vulnerável a todo tipo de forças externas. Quanto mais abertamente é demonstrada, mais perde poder. A

vida íntima, quando aberta a espectadores, certamente decai. Espectadores criam um vazamento que mata o próprio espírito que estão tentando cultivar.

Ensinaaram-me que a intimidade é um ritual que deve se dar dentro do espaço sagrado ou de ritual. A intimidade fora desse espaço é letal.



Se a pessoa não tiver alguma relação com o sagrado em si, não poderá vivenciar a sexualidade. É um conceito bem difícil de explicar, mas há uma conexão íntima entre o sexo e o sagrado. Uma pessoa que é desesperadamente atraída para a atividade sexual, é uma pessoa que está desesperadamente tentando entrar no mundo do espírito. Ela pensa que, quanto mais se envolver em atividades sexuais, mais se encontrará ou encontrará o espírito.

Mas isso nunca ocorre, porque a atividade é feita fora de um contexto sagrado. Entretanto, o desejo indica uma crença profunda em que algo maior está ali. Considero isso mais um sinal de que é impossível separar ou dissociar nossa vida do sagrado.



Todos temos algo em comum, que é o desejo da intimidade. A intimidade é sagrada. É por isso que acho que a cultura moderna, com sua propaganda do sexo,

está anunciando seu desejo pelo sagrado, de forma equivocada. Se você acredita que todo mundo deseja algo sagrado, verá, por trás de um enorme cartaz com todo tipo de imagens sexuais atraentes, uma psique procurando reconectar com algo que sabe que tem o poder de cura.

Então, o que fazer no meio disso tudo? Primeiro, é preciso ver a intimidade como um alinhamento entre o ser e o sagrado, olhar para sua vida íntima como uma comunhão com o sagrado. Se compreender isso, verá, na prática da sexualidade, algo essencialmente ritualístico.



A ilusão do romance

O amor romântico afasta o espírito e a comunidade; faz com que o casal tenha de inventar o relacionamento sozinho. É o oposto de um relacionamento que deixa o espírito ser o guia.

O romance ignora todos os estágios de uma união espiritual, em que começamos embaixo da montanha e, gradualmente, caminhamos juntos até o topo; não deixa espaço para a verdadeira identidade das pessoas aparecer; estimula o anonimato e força as pessoas a se mascararem.



Antes de me casar, eu não olhava para os rapazes da aldeia com interesse romântico ou sexual. Entenda que, na aldeia, há uma forma diferente de ver as pessoas. As pessoas não são consideradas fonte de atração sexual. As pessoas são consideradas como amigas, irmãos e irmãs. Temos bons relacionamentos com o sexo oposto, sem qualquer tipo de atração sexual. Meninas e meninos crescem apreciando uns aos outros como espíritos, como irmãos e irmãs, sem a interferência da sexualidade. É assim que as pessoas são educadas na aldeia.

Os anciãos ensinam que, se nosso relacionamento com as pessoas em nossa volta se concentrar na atração sexual,

diminuirá nossa capacidade de amizade, e nossos olhos não nos permitirão ver os outros como realmente são.

Hoje, nas cidades da África Ocidental, você vê o mesmo tipo de amor romântico que se vê aqui. A influência da televisão e do cinema está em toda parte. Os jovens na cidade acreditam que esse é o jeito do Ocidente. E como foram à escola, têm de provar que são civilizados e fazer as coisas da forma civilizada.



A sabedoria dos anciãos, de trabalhar de baixo para cima da colina, garante que os dois parceiros se compreendam e se conheçam a cada passo do caminho. A pessoa aprende o que faz seu parceiro gritar e o que o faz rir – e coisas assim.

Os anciãos sabem que, se o relacionamento começa com o romance, freqüentemente as dificuldades ficam encobertas. Muitas vezes, a pessoa leva anos para descobrir a verdadeira identidade de seu parceiro. Isto é, se tiver a oportunidade. Conheço algumas pessoas que passam a vida inteira com um estranho.



O amor romântico não se encaixa, realmente, na aldeia. Simplesmente não funciona. O tipo de paixão, o tipo de emoção e conexão que os ocidentais buscam em um

relacionamento romântico, o povo da aldeia busca no espírito. O poder do amor romântico no Ocidente realmente é um sintoma de uma separação do mundo espiritual.



O romance, se quiser usar essa palavra, é com o espírito. Talvez os ocidentais considerem romântico um homem convidar uma mulher para o espaço ritual, ou vice-versa. Mas não é assim. Não é: “vou levar você em uma viagem”, ou algo parecido. Não. A atração básica é com o espírito.



Você não pode retirar do casamento ou da intimidade a presença do espírito como guia, que aprova todas as bênçãos que os anciãos e a comunidade dão. Nesse sentido, o romance é diferente do que o povo tribal procura em uma relação.

Na aldeia, damos porque queremos dar e não nos isolamos ou nos retiramos da sociedade. Somos estimulados a expandir e compartilhar nossas dádivas, como casal, com a comunidade.



Na aldeia, o desejo e a lascívia são vistos como men-

sagens trazidas para você de uma fonte espiritual. Se, com isso, a pessoa passa a ter um comportamento desordenado, ela destrói o convite que o espírito estava implantando nela.

A pessoa que sente esse tipo de urgência precisa descobrir, antes, de onde vem. Não vai descobri-lo olhando para o outro com pensamentos eróticos, mas observando as fraquezas reveladas pelo espírito. Não são seus hormônios que a estão forçando fazer algo. Outra coisa está se passando. É isso que ela precisa ouvir.

É por isso que a intimidade tem de ser vista ritualisticamente. Esse desejo é o desejo de estar em uma viagem com o espírito. É como se um cavalo tivesse chegado e quisesse levá-lo a algum lugar. Você tem de descobrir: “para vai esse cavalo? Que devo fazer para montá-lo sem quebrar o meu pescoço?”.



Da forma como entendo, o romance é esse caminho de união que leva a uma lua-de-mel. Durante a loucura da lua-de-mel, absurdas promessas são feitas. Quando volta para casa, o casal descobre que não há a menor chance de essas promessas serem cumpridas. Então, ele se assusta e reza para tudo funcionar. Aí as coisas começam a desmoronar. A isso eu chamo de suicídio da lua-de-mel.



Romance significa esconder seu verdadeiro ser, para ser aceito. Começa com a pessoa fazendo todas as coisas pelo parceiro, negligenciando seus verdadeiros sentimentos, até chegar a um ponto de séria depleção.

Teria sido melhor dizer, desde o início: "posso lhe dar esse tanto. Esse é meu limite. Com sua ajuda, posso conseguir ir além, mas não vou lhe dar uma imagem falsa de mim". Sem esse tipo de honestidade, nosso parceiro fica imaginando: "nossa, será essa a mesma pessoa com quem me casei?" Ele começa a arrancar seus cabelos e se perguntar se está são, ou se sua parceira está insana.

Se um relacionamento é baseado em uma via de mão única, a pessoa que está recebendo fará de tudo para encher seu poço sem fundo, sem se preocupar com o que se passa com seu parceiro. Esse tipo de pessoa nem se preocupa se seu parceiro sobreviverá ou não. Essa pessoa se casou com o senhor Perfeito, ou a senhora Perfeita, para que alguém tomasse conta dela, e não está pronta para uma mudança.



As pessoas no Ocidente sempre devem se lembrar que a energia que vibram envia uma mensagem que somente certas pessoas vão responder. Devem deixar clara

a sua intenção quando buscam alguém, e devem manter sua clareza quando um relacionamento íntimo é estabelecido. Devem sempre fazer uma auto-análise para ter certeza de que estão alinhadas com seus verdadeiros seres.



O tipo de atitude que as pessoas têm quando iniciam um relacionamento determinará o que acontecerá mais tarde. Se houver algo não dito, isso provavelmente levará à morte do relacionamento.

Se, por exemplo, seu parceiro estiver escondendo algo e pensando: “se eu mostrar essa parte de mim, ela vai se assustar e fugir”, bem, ele pode ter certeza de que um dia você vai fugir.

A franqueza é necessária desde o início, para que as pessoas saibam em que estão se metendo. Ser muito “legal” nem sempre é a melhor coisa.



Renovação contínua

Há uma necessidade de, periodicamente, clarificar nosso relacionamento com nosso parceiro. Alguma parte da pessoa está sempre fingindo, compensando, cedendo ou pressionando. A única forma de a pessoa perceber e se livrar disso é por meio do ritual.



Antes de podermos nos comunicar em estados profundos de intimidade, precisamos lidar com as pequeninas coisas que nosso parceiro fez e que nos desagradou. Por causa de alguma regra de gentileza, tendemos a não responder a elas e, assim, começam a se acumular. Ficamos inseguros, adiamos o confronto e nos tornamos muito passivos. Não há nada de errado em ser polido, mas onde poderemos expressar nossas frustrações e desapontamentos?

No ritual, essa gentileza pode ser colocada de lado. Depois que você demarcou o espaço sagrado e chamou o espírito, não há mentiras ou fingimentos. Nesse espaço, algumas vezes é melhor até gritar nossas frustrações, porque o que estamos dizendo é muito real.



Em nossa aldeia, a cada cinco dias há uma oportunidade de renovação do relacionamento, em um dia escolhido pelo casal. Todas as coisas ruins acumuladas são postas para fora. Normalmente, a mulher senta-se virada para o norte, de costas para o homem, que se senta de frente para o sul, dentro de um círculo de cinzas. O ritual começa com a invocação do espírito. Então, os dois começam a contar para os espíritos as suas frustrações. Ao fazerem isso, sua dor aumenta até explodir. Cada pessoa fica ocupada, falando de sua própria dor, e não presta atenção ao que a outra está dizendo. Algumas pessoas sussurram, algumas gritam, outras preferem diferentes formas de comunicação. Cabe aos indivíduos envolvidos decidirem qual é a melhor forma de expelirem todos os seus sentimentos. Em nossa aldeia, geralmente gesticulamos muito, para permitir que o corpo fale. O que, porém, não quer dizer que o ritual seja uma oportunidade para brigar.

Se alguém de fora observa esse ritual, pode pensar que o casal está prestes a se matar. Mas se observarem tempo suficiente, verão que o ritual tem um final poderoso e emocionante. O casal vai se acalmar e chegar a uma reconciliação. Depois, derramam água um no outro. O cerne desse processo é lavar todo o desgaste que se estabeleceu na vida do casal.

Pense nesse ritual não como um confronto, mas como uma renovação do voto de casamento. Na cultura dagara, não acreditamos que dizer sim uma vez seja suficiente

para manter eternamente a intimidade. Precisamos renová-la continuamente, levando-a para cada vez mais perto do que o espírito quer.

Esse ritual de renovação também pode ser bom para pessoas que sempre limitam seus relacionamentos a um determinado período de tempo; pessoas, por exemplo, que só conseguem ficar em um relacionamento por um ano e, depois, têm de sair. Renovar seu compromisso antes desse prazo terminar pode ajudar a quebrar o padrão. Isso é preciso porque algumas pessoas realmente ficam convencidas que todos os seus relacionamentos são temporários.



Fora do ritual, existe uma tendência a sempre culpar a outra pessoa. Não vemos nossas próprias ações. Criar um espaço ritual para soltar as tensões nos ajuda a ficar abertos para as inquietações de nosso parceiro e cria em nós a capacidade de ouvir sem ficar na defensiva.

Algumas vezes, nosso parceiro pode nos ofender, sem sequer percebê-lo. Talvez tivesse passando por um momento difícil, estávamos por perto e fomos atingidos. Normalmente, não queremos machucar nossos amados, mas em momentos de pressão, isso pode acontecer.

O ritual de renovação nos dá oportunidade de curar essas feridas e mágoas. Cria um espaço em que os casais podem expressar suas mágoas, sem culpar o outro. O

simples fato de expressar as coisas tem esse poder; ajuda as pessoas a se desapegarem delas. Quando a água é aplicada no final do ritual, leva as tensões embora e traz paz ao relacionamento.



O ritual de renovação pode ser feito por duas pessoas, sem a presença da comunidade. É um importante ritual, no sentido em que permite aos casais limparem o ar antes de entrar em intimidade sexual. Se você leva raiva ou tristeza para a intimidade, você vai transferir essa energia para seu parceiro.

A não ser que os problemas em um relacionamento sejam realmente enormes, esse ritual impede que pequenas questões acumulem-se e tornem-se grandes questões. Quando não damos ouvidos às pequenas coisas que acontecem à nossa volta, acabamos tendo terremotos enormes. Então, esse tipo de renovação e limpeza de um relacionamento é muito importante para a vida íntima, especialmente para casais recém-casados.



Na aldeia, há vários tipos de rituais para renovação. Alguns são diários, outros são feitos de cinco em cinco dias pelo casal. Há também um ritual de sintonia, que ocorre anualmente, comunal, concentrado nos casais.

Ajuda as pessoas a se ocuparem dos problemas dos outros.

Na África, diz-se que, quando uma pessoa adoece, todo mundo está doente. A aldeia ou a tribo é vista com uma enorme árvore, com milhares de galhos. Quando uma parte dessa entidade viva adoece, é preciso reexaminar a árvore inteira. É por isso que, quando alguém está doente, todo mundo se preocupa; faz lembrar que existe um risco que afeta a todos.

Quando as pessoas ficam sabendo que algo de ruim aconteceu a alguém, elas não dizem: “ainda bem que não foi comigo”. Em vez disso, dão apoio à pessoa, para que possa voltar à paz. É por essa razão que o ritual de sintonia anual para curar as divergências e mágoas dos casais e restaurar a paz é feito com a comunidade.

Os anciãos marcam uma data para todos os casais da aldeia reunirem-se na margem do rio. Cada casal traz os dois potes feitos por ocasião de seu casamento. Esses pequenos potes foram abençoados na época, um para cada pessoa, e são mantidos nos altares. Em cada um desses jarros tem um talismã, assim como remédios, ervas, água e outras coisas. Depois da invocação, cada casal se adianta e entrega seus potes aos anciãos. Os anciãos misturam um pouco da água de cada pote e a devolvem para que cada pessoa dê um gole ou limpe seu corpo com ela. Se aceitarem tomar o remédio, isso significa que concordaram em resolver suas diferenças. Se não, outro problema é criado, e os anciãos precisam descobrir o que está acontecendo. O que é raro, já que tais conflitos

geralmente são tratados em um círculo de cinzas comunitário, antes do início do ritual de sintonia.

Cada casal, então, é levado até o rio, onde as mulheres banham a esposa e a levam a um local específico, para esperar seu parceiro. Os homens fazem o mesmo, simultaneamente, com o marido, deixando um espaço entre ele e sua esposa. Enquanto as pessoas cantam uma canção especial de viagem ao casal, os dois se submergem e se encontram. Quando saem segurando as mãos, ouve-se muitos gritos e berros na aldeia. Isso significa que, novamente, os espíritos abençoaram a viagem do casal.

Sem sair da água completamente, o casal faz votos mutuamente, ao espírito, à comunidade e a todas as forças naturais à sua volta – terra, água, montanhas, rios, animais, rochas, fogo, árvores, etc. Rituais de renovação não se limitam às pessoas. As pessoas renovam seu relacionamento com tudo à sua volta. Elas precisam ter um bom relacionamento com todas essas coisas, para poderem fazer seu relacionamento funcionar. No final, o casal agradece a elas por sua ajuda.

Quando esse ritual de sintonia termina, com muitos dias de celebração, já estou ansiosa pelo próximo. Acho que enlouqueceria sem ele. Quando as pessoas voltam para casa, repletas do espírito de renovação, comprometem-se mais do que nunca a trabalhar em sua vida íntima. Todo mundo quer manter seu relacionamento saudável.



Existem muitas oportunidades, no Ocidente, para estar em rituais com amigos e membros da família. Precisamos também renovar nossos votos com essas pessoas. Os rituais podem ser de celebração ou feitos para limpar o ar.

Reuniões de família teriam um sabor diferente se tivessem tais significados. Elas poderiam se tornar uma oportunidade para cada indivíduo ser visto e aceito pela família como completo. A família seria mais unida se criasse rituais nos quais seus membros pudessem expressar seu apoio contínuo uns aos outros ou trabalhar para vencer as diferenças.



Aqueles que freqüentaram a cerimônia de casamento do casal deveriam ser os primeiros a ver em que ele não está forte o suficiente, e ajudá-lo a se fortalecer. Periodicamente, deveriam trazê-lo para um ritual em que pudesse ver suas fraquezas, aceitá-las e trabalhar para o fortalecimento.

Eles também deveriam envolvê-lo em rituais em que fosse ajudado a ver suas qualidades, seus aspectos positivos e suas forças, para que as mantenha ou até melhore. Isso porque, quando duas pessoas convivem, nem sempre vêem as qualidades uma da outra. Comumente, uma pessoa de fora pode ver melhor.



Conflito: dádiva do espírito

Conflitos nascem de desafios apresentados pelo espírito. São dádivas para nos ajudar a avançar. É por meio do conflito que ganhamos conhecimento de nós mesmos e descobrimos novas situações para pôr em prática nossos dons.



Conflito é um chamado para o despertar, enviado pelo espírito para nos lembrar do propósito que viemos cumprir. Para o povo tribal, é uma bênção. O conflito não deve ser nutrido, mas ouvido. Devemos tomar as medidas apropriadas para lidar com o espírito por trás do conflito.



Dois seres humanos juntos estarão sempre vulneráveis e propensos a alguma forma de conflito. Sem o conflito, tudo fica monótono. Por outro lado, viver no conflito torna tudo amargo. Então, existe uma necessidade de equilíbrio constante. O que traz esse equilíbrio é o ritual.

O ritual reconhece que o relacionamento de duas pessoas gera uma energia superior à energia dos dois

indivíduos simplesmente adicionada. É algo tão grande que o intelecto e a destreza, por si sós, não conseguem lidar com as crises que surgem, sem a intervenção do ritual.



Quando o conflito surge entre duas pessoas, às vezes elas pensam que a melhor forma de lidar com tal conflito é adotar uma atitude antagonista. Mas, de fato, é melhor as pessoas se unirem e dizerem ao espírito: “ouvimos as palavras que o senhor nos enviou. Talvez não saibamos o que fazer com elas, são muito duras, muito dolorosas para nós. Mas compreendemos que é por meio dessa dificuldade que vamos descobrir nossos dons e nossa sabedoria. Na próxima vez, se possível, seria muito bom se as coisas pudessem ser um pouco menos duras, porque desta vez nosso relacionamento pagou um preço muito alto. Mesmo assim, estamos ouvindo e estamos dispostos a superar nossa resistência”.



Normalmente, o conflito vem quando as coisas estão começando a estagnar, quando nosso ego e nosso ser controlador começam a dominar o relacionamento. O conflito é um aviso que a energia espiritual está estagnando e precisa de movimento.



Na aldeia, as pessoas são estimuladas a lidar com o conflito, em vez de fugir dele. Se não forem capazes de resolver o problema, este deve ser compartilhado com a comunidade.

Digamos, por exemplo, que algo esteja realmente incomodando uma mulher da aldeia, mas ela não consegue falar com seu marido a respeito. Ela pode contar ao seu grupo de mulheres o que a está fazendo sofrer. Talvez, então, as mulheres falem com seu marido. Se ele não responder, os membros das duas famílias serão reunidos. Se não for encontrada uma solução, toda a aldeia será alertada. Nesse ponto você já sabe que é tarde. As coisas ficaram realmente ruins. Não é mais um problema do casal, mas um problema da aldeia. O casal precisa deixar a aldeia resolvê-lo.

Esse processo, com toda a comunidade tentando ajudar, torna impossível para o marido ter um acesso de raiva com sua mulher, por contar a todo mundo que as coisas não estão funcionando. Quando, para encontrar uma solução, nos voltamos para uma comunidade maior, fica impossível o problema persistir.



Preciso salientar que existe uma diferença entre tornar um problema público para descobrir uma solução e torná-

lo público sem querer ajuda. Algumas vezes, acostumamos-nos a nossos problemas. Preferimos alimentá-los e damos espaço para que cresçam em nossa vida. Ficamos apegados a eles e não queremos que nos deixem; tornam-se um peso para aqueles que escutam falar sobre eles, que ficam sem saber como reagir.

Essa é uma forma moderna de buscar atenção. Algumas vezes, o melhor remédio para as pessoas que procuram esse tipo de atenção é não lhes dar energia.



Nosso medo da exposição, em uma cultura em que todo mundo veste uma máscara, pode prejudicar muito nossa capacidade de pedir ajuda. É por isso que é tão crucial ter um círculo de amigos nos quais se confia, que possa dar essa sensação de pertencer a uma comunidade.



Existem muitas formas de comunicar problemas a aqueles que podem nos ajudar. Algumas pessoas, por exemplo, têm o dom de comunicar-se por intermédio de sonhos e podem usar isso como uma forma de se conectar com os outros. As pessoas que nos conhecem e se preocupam conosco, normalmente, têm um canal sempre aberto para nós. Se nossa mensagem for clara, elas podem nos mandar o tipo de ajuda que precisamos.



Na cultura dagara, a água é um elemento crucial na resolução de conflitos, por causa de suas qualidades reconciliadoras, unificadoras e pacificadoras. Em qualquer ritual de reconciliação, é preciso usar muita água, para que as pessoas voltem para um espaço tranquilo, um lugar de harmonia e serenidade.

Um ritual radical de conflito envolve submersão completa em água muito fria, depois de uma descarga emocional intensa. Em um ritual de manutenção, a pessoa pode usar apenas um pouco de água, ou passar algum tempo perto dela.



Quando um casal na aldeia está em crise séria, precisa de um ritual comunitário radical para separá-lo do problema e reunificá-lo.

Primeiro, as pessoas da aldeia criam um espaço sagrado, perto da água. Depois, elas declaram o propósito do ritual, invocam o espírito e deixam clara sua intenção. Elas explicam com detalhes como o casal vem vivenciando um problema e os tipos de coisas que gostariam que se passassem no ritual. Elas pedem ao espírito que guie o encontro, que tragam clareza e abram seu coração, para que possam ouvir. Pedem que tenham os pés no chão,

que o conflito seja dissolvido e transformado em algo de bom. O casal, então, deve dizer, com suas próprias palavras, como foi afetado pela mensagem que o espírito enviou por meio da crise. Aí, a fonte da crise é lançada ao fogo.

Cada parceiro, então, entra na água e é submerso pelas pessoas do mesmo sexo. Enquanto tudo isso acontece, outras pessoas dançam e cantam na margem, para agitar a energia, impedindo sua estagnação. Quando o casal sai da água, a comunidade o recebe de volta. O ritual acaba com um agradecimento ao espírito pelo bem produzido pelo ritual.



Outro ritual de resolução de conflito envolve o círculo de cinzas. É executado pelo bem de um casal ou por alguém na aldeia que esteja vivendo um conflito. Serve para atingir o cerne dos problemas da aldeia e impedir que se negue sua existência. Se você está acostumado a manter seus problemas em segredo, achará esse ritual extremamente desconfortável. Ele não deixa espaço para que a pessoa se esconda.

Primeiro, a comunidade prepara um espaço sagrado, com um círculo de cinzas no centro. Os ancestrais e os espíritos são convocados. A pessoa que pediu o ritual entra no círculo de cinzas e chama aquela com a qual

tenha algo a resolver. Sentam-se de frente uma para a outra e fazem uma reverência antes de começar a falar. Então, falam de seus conflitos e sentimentos, sem culpar uma à outra.

Os que estiverem sentados fora do círculo têm o dever de falar também, se puderem ajudar a trazer clareza e verdade, sem tomar partido ou tentar separar o casal. Se ouvirem algo que requer resposta, podem entrar no círculo e dar voz aos seus pensamentos. Depois disso, devem ficar dentro do círculo até o final do ritual. No fim, pode ter dez pessoas ou mais no círculo.

Esse ritual ajuda a unir as pessoas; nele, as pessoas vão fundo em seu problema sem deixar suas emoções e sofrimentos interferirem no processo. Digo isso porque as pessoas no Ocidente têm uma tendência a fazer do círculo de cinzas um tribunal de justiça. No entanto, o intuito não é determinar um culpado ou quem tem talento para fazer interrogatórios.

O ritual exige que falemos com o coração. A lógica da mente é um obstáculo para seu sucesso. Na aldeia, o processo é interrompido rapidamente, se as pessoas no centro do círculo não estiverem querendo falar a verdade.

Por mais difícil que esse ritual possa ser, as pessoas não saem dali até que haja clareza no grupo. Então, é oferecida água a todos para trazer a paz geral. Todo mundo faz uma reverência no final, agradecendo umas às outras e marcando o fechamento do ritual.



Dizem que os problemas ficam com medo quando são expressos. Quando você fala sobre os problemas, eles começam a odiá-lo. Em geral, estamos seguros quando um problema nos odeia. Essa é uma das razões pelas quais, no contexto tribal, as pessoas não temem verbalizar o que as incomoda. Elas sabem que, mesmo que não possam resolver a questão de imediato, o simples fato de a terem envolvido por palavras pode fazê-la fugir.



Mesmo que, no Ocidente, não tenhamos comunidades como as do mundo tribal, ainda temos círculos de amigos, pessoas em quem acreditamos, pessoas que responderão ao nosso pedido de ajuda. Assim, em vez de chamá-las no final de semana para um churrasco, podemos chamá-las para se sentarem em um espaço ritual conosco. Isso pode significar uma tarde aprontando o material e o espaço do ritual. Então, podemos começar a chamar o espírito, explicando o problema que estamos tentando resolver. Mesmo aqueles que são novatos nessa questão, se estiverem envolvidos na preparação do espaço ritual, logo se descobrirão firmemente estabelecidos no estado ritual.



Em geral, achamos que gastamos muito tempo lidando com nossos problemas de relacionamento, mas talvez dediquemos o tempo errado. Precisamos repensar a forma na qual investimos tempo lidando com nossos problemas.

Talvez seja a tendência manipuladora da mente que nos faça acreditar que, quando há um problema, se não conseguimos encontrar uma solução, é porque não somos imaginativos o suficiente, não pensamos o suficiente, ou, pior, que somos inúteis. No entanto, talvez seja porque não *sentimos* o suficiente! Se permitirmos ao coração lidar com os problemas que experimentamos, ele nos levará a locais que não são lógicos, porém são mais eficazes para lidar com o problema. Um dos caminhos ilógicos do coração é criar um espaço ritual e começar a gritar: “ei, estou com problemas!”

Então, precisamos nos permitir a nos abrir, liberar nossos problemas das garras da mente. Somente depois de fazê-lo, podemos ver as coisas de uma perspectiva diferente, de uma perspectiva fortalecedora. De outra forma, vamos encolhendo, nos tornando menores, enquanto o problema cresce.



Quando os problemas aparecem, temos a tendência de esquecer a base forte de nosso relacionamento. É bom voltar aos tempos em que nos unimos ao nosso parceiro ou parceira, quando o espírito nos aproximou.

Lembrar da época em que o relacionamento era mais forte, mais próximo e mais íntimo. Quando você estiver no ponto mais baixo de seu relacionamento, pode ter aquele momento forte como ponto de referência. Veja o atual problema desse ângulo e descobrirá uma forma de levar o relacionamento adiante.



As pessoas se unem em um momento forte. Esse momento deve ser mantido, para que, no meio da crise, ele possa ser seu principal aliado. O problema é que, quando as pessoas estão em crise, esquecem-se de que já foram fortes, porque estão assoberbadas. Frequentemente, porém, a crise é como um ratinho, que fica correndo em toda parte e parece um gigante. Se a pessoa tiver uma boa lanterna e olhar direto para ele, verá que é apenas um bichinho de nada.



Você ficará surpreso com o que a bênção da comunidade, de um círculo de amigos, pode fazer por você, no fim de qualquer crise.



Divórcio e perda: cortando a videira

O crescimento de um relacionamento é alimentado por constante entrega, concessão e cura. Você observa as pequenas dificuldades e as tira de seu caminho. Ao fazer isso, está reafirmando a escala maior. Pequenas dificuldades são apenas distrações em seu caminho. É por compreender isso que os relacionamentos são vistos de forma tão diferente na aldeia. Talvez também seja por isso que, na língua dagara, ainda não exista uma palavra para divórcio.



Na aldeia, casar é como entrar em uma sala sem saída. Esse não é o caso no mundo moderno. Existem tantas opções. Se alguma coisa não funciona, basta mudá-la; se a situação estiver ruim, basta ir para outro canto. A multiplicidade de opções impede que as pessoas lidem com as questões que poderiam tê-las feito crescer.

Por mais atraentes que sejam as opções, esse é seu lado escuro. Frequentemente, elas escondem a melhor escolha, que é enfrentar as coisas.

Talvez alguns argumentem que isso é liberdade de escolha. No entanto, muitas das escolhas nos são oferecidas por pessoas que gostam de criar confusão ou

que ainda estão tentando se definir. Muitas decisões terríveis foram feitas em nome da liberdade de escolha.

Em questões sagradas, como são os relacionamentos, como dizer o que somos quando não conseguimos construir o tipo de relacionamento que queremos, quando não conseguimos pertencer ao que queremos?



Muitos casais, no Ocidente, preferem romper a relação a lidar com certas questões. Problemas que não foram resolvidos em um relacionamento, não desaparecem simplesmente porque vamos embora. Eles aparecem sob uma nova forma, em nosso próximo relacionamento. Toda vez que partimos, levamos os males dos relacionamentos passados para o próximo. Um dia, finalmente, acordamos. Pomos um fim ao problema e começamos o processo de cura.



Na aldeia não existe divórcio, por causa da visão de mundo das pessoas. O povo de lá não consegue conceber a intimidade ou o casamento fora da espiritualidade, sem a orientação do espírito.

Quando se tem uma base espiritual e o apoio de amigos e familiares, as coisas funcionam de tal forma que o casal é constantemente apoiado e estimulado. Eles têm apoio

suficiente para daí extrair sua força. Não estão cõtando apenas com os seus poucos recursos.



O divórcio é um conceito estranho na aldeia. No entanto, nas cidades da África é uma séria questão social. Os habitantes das cidades não se casam guardando a tradição ou para cumprir um propósito. Quando se casam, não pedem as bênçãos do espírito. O foco não é o bem que pode nascer desse relacionamento íntimo. Eles perderam o caminho dos ancestrais.

Aldeões levam todas essas questões muito a sério. Também, o fato de os anciãos arranjam os casamentos tira parte da pressão sobre as duas pessoas. Elas não têm de ser totalmente responsáveis pelo relacionamento; todo mundo compartilha a responsabilidade. O relacionamento tem de progredir para que a aldeia receba seus dons. Assim, toda a aldeia assume pessoalmente o sofrimento de um casal. As pessoas farão qualquer coisa dentro de sua capacidade para fazer o relacionamento funcionar.

A ausência desse tipo de apoio contribui para o divórcio. Há um limite para a capacidade de duas pessoas para lidar com problemas, mesmo que estes sejam em número limitado.



Muitos fatores contribuem para a frequência do divórcio no Ocidente: dinheiro, conflitos de trabalho, infidelidade, anonimato, isolamento. Esses fatores resultam da falta da bênção do espírito e do apoio da comunidade. Na aldeia, essas questões não existem.

Precisamos lembrar que tudo na aldeia, inclusive o dinheiro, tem base no espírito. O dinheiro só se torna esse gigante com o qual temos de lutar quando é tirado de seu contexto espiritual. Originalmente, o dinheiro se destinava para uso espiritual. Era levado a altares e posto lá, como oferenda. Não era usado como fonte de poder.

Quando começamos a desconectar o dinheiro de seu significado original nós o desconectamos do espírito. Então, começamos a usá-lo como fonte de poder, e o mesmo ocorre quanto à intimidade. Quando a desconectamos de sua base espiritual, cortamos suas raízes e ela torna-se uma coisa vaga, que flutua sem ter qualquer tipo de foco.



Na ausência de espírito, o dinheiro fica associado ao “meu” e ao “seu”. Se é meu, não é seu; não pertence à comunidade e não tem nada a ver com o espírito.

As pessoas fazem do dinheiro uma coisa pessoal. Tudo se torna poder negativo, e nada de espírito. Isso dá ao

dinheiro muito mais energia do que tem na realidade; torna-se apenas um obstáculo que divide as pessoas.



Em um lugar em que o espírito foi esquecido, é provável que não haja um verdadeiro sentido de identidade. Como temos de ter uma identidade e um número no CPF, o Cadastro de Pessoa Física, as pessoas baseiam sua identidade no seu trabalho. Muitas pessoas não conseguem separar sua identidade do que fazem na vida profissional. No entanto, quando a pessoa tem um verdadeiro sentido de identidade, não sente insegurança em dividir o que tem, e não se incomoda com as exigências de seu trabalho.



Quando morre alguém, há necessidade de separar sua energia do parceiro que ficou. Deve-se desfazer a união de seus espíritos. Quando isso não é feito, haverá todos os tipos de problemas para o sobrevivente. Ele vai sentir grande perda de força e terá dificuldades para voltar a se sentir inteiro. Deve haver um reconhecimento que a morte ocorreu, e que a outra pessoa não mais tem um corpo.

De certa forma, é como quando uma mulher dá a luz. A mulher e o bebê estão ligados em um nível físico e espiritual. Mesmo assim, o cordão umbilical precisa ser

cortado para o bebê sobreviver sozinho e para a mãe se recuperar. Quando o cordão umbilical é cortado, não significa que a ligação entre os dois terminou. Eles continuam ligados, mas a fonte de vida do bebê muda, para que ele sobreviva.



Quando um parceiro faz a passagem para outro mundo e não é feito um ritual para separar a energia do casal, a pessoa que ficou ainda tem de lidar com a energia de sua intimidade, como se o outro ainda estivesse vivo. Essa situação pode ser muito conturbada, até fatal, porque a energia do lado do que fez a passagem não está se movendo.



É muito importante que, no funeral, o parceiro que ficou libere cada grama de sofrimento que sente. O sofrimento do velório não significa fraqueza. É uma fonte de força, amor e poder. É um sinal de que o relacionamento tinha valor, que era insubstituível.

Na tribo, o funeral dura setenta e duas horas. Depois, um amigo sempre leva o parceiro que ficou viúvo, assegurando-se de que esteja bem. Enquanto isso, outras pessoas limpam a casa em que o casal morava. Ela deve ser renovada. Todas as roupas e pertences do que faleceu

são doados. Finalmente, é feito um ritual de retorno ao lar para aquele ficou, para restabelecê-lo.



O ritual de separação pode envolver a quebra simbólica de alguma coisa, para representar o fim da conexão física entre a pessoa que morreu e a que ficou. Esta última pode contar a história de como se conheceram, como o espírito os uniu, o tipo de espírito que nasceu de seu casamento, os rituais de casamento, a história de como começou, como terminou e como se sente no momento.

Os membros da comunidade, amigos e familiares também podem contar suas lembranças daquele que se foi, descrever o tipo de espírito que guiou seu relacionamento, e como era especial para eles. Então, reconhecem a separação e o fim da parte física.

Depois, recebem o parceiro que ficou viúvo de volta em casa – como uma pessoa que perdeu seu parceiro e ainda está em comunhão com ele, na forma de espírito, como uma pessoa que está recuperando sua energia. É o começo de uma nova vida.



Quando o velório termina e o cordão umbilical entre os parceiros é cortado ritualmente, ainda há uma conexão.

O espírito do morto sempre estará com o sobrevivente. Mas estará presente de uma forma benéfica para ambos.



Freqüentemente, os ocidentais têm medo de deixar partir o morto. Temem que, sem a presença do corpo, não conseguirão se relacionar com a pessoa. Isso aconteceria somente se não tivessem uma conexão com o ser amado no nível espiritual, antes de sua morte. A despeito de o corpo ir embora, o espírito permanece.



No Ocidente, um ritual de separação pode ajudar, em caso de divórcio. Às vezes, quando as almas são unidas e comungam em um nível profundo, o casal não admite a separação de forma decisiva, e é difícil para os dois prosseguirem a vida.



No contexto tribal, para simbolizar a separação de um casal pela morte, usamos uma videira meio morta. Um galho em que metade das folhas ainda está verde e a outra metade está seca. Em seu ponto de encontro, a videira será cortada. Esse procedimento também pode ser feito no Ocidente.

No caso de divórcio, poder-se-ia usar uma videira inteiramente viva e cortada ao meio – a videira toda verde, porque ambos ainda vivem. Cada pessoa, então, poderia levar sua metade de vinha para casa e plantá-la.



Na aldeia, as pessoas viúvas podem casar-se novamente. Podem fazê-lo depois que os rituais de separação terminam e tiveram tempo para o luto, para sentir o vazio que a morte do parceiro deixou.

No Ocidente, há uma tendência de preencher esse vazio rapidamente demais. Isso não dá tempo para que a pessoa se organize. O mesmo se aplica a rompimentos e divórcios. Na aldeia, porém, há um período de um ano, durante o qual a pessoa passa por muitos rituais de separação. Nesse tempo, as pessoas de luto são apoiadas de perto pela comunidade, para que não se entreguem à depressão e à morte. No final desse ano, raspam todo o cabelo e dão todas as roupas que usaram durante o luto. No Ocidente, uma pessoa viúva poderá adaptar-se a esse ritual, cortando simbolicamente parte de seu cabelo.

O povo Dagara acredita que o cabelo seja uma antena. Recebemos mensagens pelo cabelo. A pessoa pode raspar o cabelo para liberar alguma coisa antiga, que não lhe serve mais, ou para ajudá-la a começar uma vida nova, sem a interferência dos velhos hábitos.

Depois de raspar o cabelo, o grupo do mesmo sexo da pessoa a banha e a recebe em um ritual de boas-vindas. Então, ela volta para a família. Se for mulher, a família do marido vai pedir sua mão de volta e convidá-la a voltar a viver em sua casa. Ela tem a escolha de voltar ou não. Somente então, no término desses rituais de separação, estará livre para casar-se novamente.



Quando começamos um relacionamento, ele é reconhecido por várias formas – por nós mesmos, por nossos amigos e pela comunidade. Quando nosso parceiro morre ou nos divorciamos, tal situação também deve ser reconhecida. Temos de concluir os relacionamentos.

O relacionamento deve mudar e tomar uma nova dimensão. As pessoas precisam de rituais para poder se soltar, recompor-se e recuperar as forças. Essa é a forma de o espírito voltar a se mover dentro delas.



Homossexualidade: guardiães do portão

As palavras “gay” e “lésbica” não existem na aldeia. Temos, sim, a palavra “guardião”. Os guardiães são pessoas que vivem no limite entre dois mundos – o mundo da aldeia e o mundo do espírito. Apesar de não se casarem neste mundo, dizem ter parceiros em outras dimensões.

O que fazem não gostam de contar para ninguém. É direito deles. Todo mundo na aldeia os respeita, porque, sem eles, não haveria acesso aos outros mundos. A maior parte das pessoas no Ocidente define a si e aos outros pela orientação sexual. Essa forma de ver destruiria o espírito dos guardiães. Eles conseguem fazer seu trabalho por causa de sua forte conexão espiritual e habilidade de dirigir sua energia sexual não para outras pessoas, mas para o espírito.



Os guardiães estão na divisa entre os dois sexos. São mediadores entre os dois. Eles garantem que haja paz e harmonia entre mulheres e homens. Se os dois sexos estão em conflito e toda aldeia se envolve, os guardiães trarão de volta a paz. Eles não tomam partido. Simplesmente agem como a “espada da verdade e da integridade”.



Existem muitos portões que ligam uma aldeia a outros mundos. As únicas pessoas que têm acesso a todos esses portões são os guardiães.

Devo mencionar que existem dois tipos de guardiães. O primeiro grupo tem a habilidade de guardar um número limitado de portões para o outro mundo, especificamente aqueles que correspondem à cosmologia dagara – água, terra, fogo, mineral e natureza, porque vibram as energias desses portões.

O segundo grupo de guardiães, que é nosso assunto aqui, tem a responsabilidade de guardar os portões. Eles estão em contato não só com os portões elementares, mas com muitos outros. Eles têm um pé em todos os outros mundos e um pé neste. É por isso que a vibração de seu corpo é totalmente diferente. Têm, também, acesso a entidades de outras dimensões, como os *kontombile*, pequenos seres que são mágicos e muito sábios. Na tradição irlandesa, são conhecidos como duendes.

Agora, o que acontece em uma cultura que não se importa com esses portões? Acontece que uma pessoa homossexual não pode fazer seu trabalho. Os guardiães não conseguem cumprir seu propósito. O modo como é encarado o homossexualismo na aldeia é um dos fatores que mais a diferenciam de outras sociedades. Na aldeia, ninguém se importa com a sua orientação sexual; as pessoas se importam apenas com seu papel como

guardiães. Acho que, se quiserem que as pessoas da aldeia saibam de sua sexualidade, compartilharão isso com elas. Certa vez, ouvi falar que os guardiães conseguem abrir os portões para outras dimensões, em parte pela forma com a qual usam sua energia sexual. Sua habilidade em concentrar sua energia sexual de maneira específica permite que abram e fechem portões diferentes.



A vida dos homossexuais no Ocidente é, de muitas formas, uma reação à pressão da sociedade que os rejeita. Em parte isso ocorre porque uma cultura que esqueceu tanto sobre si mesma desloca certos grupos de pessoas, como a comunidade *gay*, de seus verdadeiros papéis.

Na aldeia, os homossexuais não são vistos como diferentes. Não são forçados a criar uma comunidade separada, para sobreviver. As pessoas não lhes põem um rótulo negativo. Essas crianças nascem guardiães, com propósitos específicos e são estimuladas a cumprir o papel para o qual nasceram, no interesse da comunidade.



Na aldeia, os guardiães têm olhos para os dois sexos. Podem ajudar os sexos a se entenderem melhor em seu dia-a-dia. É por isso que, às vezes, por exemplo, algumas mulheres se reúnem e convidam um guardião para ajudá-

las a entender certas questões. A mesma coisa ocorre do outro lado, com uma guardiã entrando no círculo dos homens.



Na aldeia, a homossexualidade é vista diferentemente do que no Ocidente, em parte porque toda sexualidade tem base no espírito. Tirada de seu contexto espiritual, torna-se uma fonte de controvérsia, passível de exploração. Nunca se vê guardiães nem ninguém demonstrando sua sexualidade ou comentando a sexualidade dos outros.



Guardiães detêm as chaves para outras dimensões. Eles mantêm um certo alinhamento entre o mundo do espírito e o mundo da aldeia. Sem eles, os portões do outro mundo ficariam fechados.

Do outro lado desses portões está o mundo do espírito, ou outras dimensões. Os guardiães estão em comunicação constante com seres que o habitam, que têm a habilidade de nos ensinar a lidar com o ritual. Os guardiães têm a capacidade de levar outras pessoas para esses lugares.



O conhecimento de um guardião é diferente do co-

nhecimento dos conselheiros e anciões. Isso porque estes não necessariamente têm acesso a todos os portões. Os guardiães, ao contrário, têm acesso a todas as dimensões. Eles podem abrir qualquer porta. Apesar de seu conhecimento ser muito amplo, os anciões chamam os guardiães para ajudá-los a abrir portões específicos ou a melhor entender o mundo do espírito.



No Ocidente, freqüentemente *gays* e lésbicas são muito espirituais, mas estão afastados de sua conexão com o espírito. Minha sensação é que, sem essa válvula de escape ou esse papel na cultura, eles têm de encontrar outras formas de se definir. Talvez esta seja uma das razões pelas quais eles desejem o casamento, ou desejem fazer parecer que não têm um propósito especial.



No Ocidente, vi pessoas que perderam sua identidade tentarem usurpar o papel dos guardiães, quando descobriram o poder que isso envolve. Fazem isso em benefício próprio, sem de fato saber o que significa ser um verdadeiro guardião. Ser um guardião falso não ajuda ninguém. Só pode ser danoso para o usurpador.

Essas pessoas precisam entender que, na aldeia, ninguém se torna guardião por sede de poder, ou mesmo

por causa de sua orientação sexual. Não. Ser guardião faz parte do propósito da vida da pessoa, anunciado antes do nascimento e desenvolvido por meio de treinamento iniciatório rigoroso, para assegurar que o poder não seja mal utilizado. Um guardião é responsável por toda uma aldeia, toda uma tribo. Não é um jogo.



Geralmente, relacionamentos homossexuais não são assunto de ritual na aldeia. No Ocidente, sim, por causa das circunstâncias da vida. Os rituais de cinzas e quase todos os outros rituais que descrevi podem ser usados para fortalecer relacionamentos homossexuais.



O que falamos a respeito da intimidade, sexualidade, ritual, conflito e perda se aplica também a relacionamentos homossexuais no Ocidente. Todos os relacionamentos, a não ser que sejam falsos, vazios ou superficiais, têm problemas. É necessário fazer uma manutenção cuidadosa e, às vezes, consertos. Talvez a única diferença nos rituais para *gays* e lésbicas seja o envolvimento de outros guardiães, além dos membros da família e dos amigos.

Quero agradecer a cada leitor pelo tempo dedicado à comunhão com o sagrado. O assunto não é trivial; portanto, não pode ser exaurido em um pequeno livro. Sua reação ao assunto, a importância que deu a ele, é prova de que você percebe profundamente a crise pela qual passa a intimidade e a necessidade de levar a ela uma cura radical.



Para quem estiver interessado na intimidade espiritual: ouça mais os ancestrais, o espírito, as árvores, os animais. Concentre-se no ritual. Ouça todas essas forças que vêm e falam conosco e que, normalmente, ignoramos.



Alguma coisa do que eu disse aqui, de alguma forma chamou sua atenção para determinados assuntos. Foram eles que o chamaram para este livro. Você não o pegou por ter visto uma fila de pessoas querendo comprá-lo. Isso é sinal de que algo não morreu em você. Está deliberadamente vivo e espera continuar assim! Bom

motivo de celebração. As pessoas talvez digam que você é estranho, que está lendo a respeito de pessoas estranhas. Mas, sabe, talvez seja hora de celebrar o estranho.



Barka: significa “obrigada”.

"Esta obra é como um mestre que pode nos ajudar a juntar tantas coisas partidas pelo nosso mundo ocidental moderno".

Alice Walker, autora de *A Cor Púrpura*

"Com um coração generoso e doce, SOBONFU SOMÊ estende sua mão. De sua palma, oferece pérolas – catadas entre seus irmãos e irmãs, na sabedoria e na vida dos anciãos de sua aldeia Dagara, na África Ocidental. Falam sobre a importância de uma conexão contínua, viva, com o espírito e a comunidade; sobre as formas de vivenciar uma intimidade genuína com a própria vida".

Clarissa Pinkola Estés, Ph.D., autora de *Mulheres que Correm com os Lobos*

ISBN 978-85-89023-95-6



9 788589 023956